

**PLANO DE VIGÍLIAS
ANTES DA BEATIFICAÇÃO DO PADRE FUNDADOR**

Caros coirmãos,

O “Plano de vigílias” foi preparado para um período de 12 meses e envolve todas as comunidades, divididas por todos os dias do ano, com textos planejados que deverão servir para uma hora de meditação/adoração. Em princípio, cada comunidade realizará uma vigília de oração uma vez por mês num dia determinado. Solicito a atenção para que a “vigília” se realize justamente no dia/noite assinalados. Naturalmente, se em algum mês isso se mostrar demasiadamente difícil, será melhor transferi-la para um outro dia do que deixar de realizá-la na ordem estabelecida.

Os esquemas de vigília foram preparados por um liturgista, o Pe. Dr. Matias Zachara, mas, se alguma comunidade quiser passar esse tempo de oração de forma diferente, naturalmente isso é possível. O mais importante é que a vigília se realize regularmente, no dia assinalado para determinada comunidade. É compreensível que nessa ocasião a comunidade pode realizar o seu dia mensal de recolhimento. Os textos poloneses do Padre Fundador foram traduzidos [do original latino] pelos padres W. Makos, R. Pietka e K. Krzyzanowski.

Pe. André Pakula MIC
Presidente da Comissão para assuntos da beatificação

Roma, 1 de julho de 2006.

DIVISÃO DAS COMUNIDADES RELIGIOSAS PARA CADA DIA DO MÊS

1. Roma, Malbourne, Adelaide
2. Varsóvia-Stegny
3. Chicago, Puszcza Marianska
4. Curitiba I+ Mongaguá, Marijampole
5. Nyakinama, Marianapolis, Kenosha
6. Plano, Darien, Gora Kalwaria+Marianki
7. Gozlin, Avellaneda
8. Rosário, Kaunas+Ponevezis
9. Varsóvia-Praga
10. Varsóvia-Marymont, Vilani
11. Skórzec
12. Grudziadz+ Koscielna, Chicago III
13. Lichen
14. Stoczek Warminski, Rezekne, Izvalta
15. LublinWSD+MSD+Kostomloty
16. Lublin II, Rdzawka
17. Elblag, Vilnius
18. Sulejówek, Éden-Hill
19. Zakopane, Rzepiska, Atok
20. Steubenvill, Grzybowo
21. Fawley-Court, Curitiba II+Adrianópolis
22. Curitiba III+Novo Mundo+Mafra
23. Manoel Ribas+Barra Santa Salete
24. Orsza, Druia+Rosica
25. Balsamão, Hradek+Praga
26. Fátima, Brumovo-Bylnice +Dudince
27. Chmielnicki, Vilgertshofen +Epfach
28. Czerniowce+Sevastopol, Obermedlingen
29. London, Karaganda, Mogiliv
30. Gorodok, Charkiv, Turvo
31. Rio de Janeiro, Borisov+Zhodino

Observação:

Algumas palavras de esclarecimento adicional a respeito do esquema através de um exemplo.

Pergunta: Em que dia do mês tem o seu plantão, por exemplo, a casa religiosa de Varsóvia – Praga?

Resposta: No dia 9 de cada mês, adotando para a vigília sucessivamente os temas de reflexão, a começar pelo tema intitulado “A vocação”, etc.

ESQUEMAS LITÚRGICOS DA VIGÍLIA

Variante I

- a. Início do dia de recolhimento (de acordo com os costumes das diversas casas).
- b. Leitura comum dos textos do Magistério da Igreja e dos escritos do Pe. Fundador (no lugar da conferência).
- c. Adoração do Santíssimo Sacramento (pelo menos 30 minutos) e, durante a adoração, leitura dos textos bíblicos indicados.

Observação: A adoração pode realizar-se imediatamente após a leitura dos textos do Magistério e do Pe. Fundador, mas pode também ser feita numa outra ocasião favorável à comunidade, p. ex. para o encerramento do dia de recolhimento.

Variante II (onde o dia de recolhimento inicia-se na noite do dia precedente)

- a. Início do dia de recolhimento – *à noite*.
- b. Adoração do Santíssimo Sacramento (pelo menos 30 minutos) e, durante a adoração, leitura dos textos bíblicos indicados – *à noite*.
- c. Meditações matutinas comuns com meditação. No decorrer da meditação, lêem-se os textos do Magistério e a seguir (após algum tempo), os textos do Pe. Fundador.

Variante III (nos lugares em que por alguma razão não seja possível a adoração do Santíssimo Sacramento)

- a. Início do dia de recolhimento.
- b. Leitura comum dos textos do Magistério da Igreja e dos escritos do Pe. Fundador (no lugar da conferência).
- c. Orações matutinas comuns com meditação. No decorrer da meditação lêem-se os textos bíblicos.

REFLEXÕES PARA AS VIGÍLIAS NOS DIVERSOS DIAS DO MÊS

Tema I: A VOCAÇÃO EVANGÉLICA

Palavra de Deus (Mc 10, 17-22)

O homem rico – Ao retomar o seu caminho, alguém correu e ajoelhou-se diante dele, perguntando: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Jesus respondeu: “ Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão só Deus. Tu conheces os mandamentos: *Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunho, não defraudes ninguém, honra teu pai e tua mãe* ”. Então ele respondeu: “ Mestre, tudo isso eu tenho guardado desde minha juventude”. Fitando-o, Jesus o amou e disse: “Uma só coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me”. Ele, porém, contristado com essa palavra, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens.

Documentos da Igreja (RD – *Redemptionis donum* n. 3)

«*Jesus fitou-o com amor...*»

3. «Jesus fitou-o com amor» e disse-lhe: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois vem e segue-me». Embora saibamos que estas palavras, ditas ao jovem rico, não foram acolhidas por ele, como «chamado», o seu conteúdo no entanto, merece uma atenta reflexão; elas apresentam, de fato, a estrutura interior da vocação.

«Jesus fitou-o com amor...». Está aqui estampado o amor do Redentor: aquele amor que brota de toda a profundidade divino-humana da Redenção. Nele reflete-se o *eterno amor do Pai*, que «amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigênito para que todo aquele que crê n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna». O Filho, imbuído por este amor, aceitou a missão do Pai no Espírito Santo e tornou-se o Redentor do mundo. E o amor do Pai revelou-se no Filho como *amor que salva*. É este amor precisamente que constitui o verdadeiro preço da Redenção do homem e do mundo. Os Apóstolos de Cristo falam com profunda emoção de tal preço da Redenção: «... não fostes resgatados... a preço de coisas corruptíveis, como a prata e o ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula», escreve São Pedro. «Na verdade, fostes comprados por elevado preço», diz também São Paulo.

O chamamento para seguir o caminho dos conselhos evangélicos nasce *do encontro íntimo com o amor* de Cristo, que é amor redentor. É com este amor, exatamente, que Cristo chama. Na estrutura da vocação, o encontro com este amor torna-se algo especificamente pessoal. Quando Cristo, «depois de vos ter fitado, vos amou», chamando cada um e cada uma de vós, amados Religiosos e Religiosas, aquele seu amor redentor foi dirigido a uma determinada pessoa, adquirindo ao mesmo tempo *características sponsais*: tornou-se *amor de eleição*. Tal amor abrange a pessoa toda, alma e corpo, seja homem ou mulher, com o seu único e irrepetível «eu» pessoal. Aquele que, doado eternamente ao Pai, «se dá» a si próprio no mistério de Redenção, eis que chama o homem, a fim de que este, por sua vez, se dê inteiramente a um serviço particular da obra da Redenção, mediante a agregação a uma Comunidade fraterna, reconhecida e aprovada pela Igreja. Não serão, porventura, um eco deste chamamento as palavras de São Paulo: «Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo ... e que vós não sois senhores de vós mesmos? Na verdade, fostes comprados por elevado preço».

Sim: o amor de Cristo assenhoreou-se de cada um e de cada uma de vós, amados Religiosos e Religiosas, por aquele mesmo «preço» da Redenção. E em consequência disso, vós apercebestes-vos de que já *não pertenceis a vós mesmos*, mas a Ele. Esta nova consciência foi o fruto do «olhar amoroso» de Cristo no íntimo dos vossos corações. E vós correspondestes a esse olhar escolhendo Aquele que primeiro vos escolheu a cada um e a cada uma de vós, chamando-vos com a imensidade do seu amor redentor. Chamando «pelo nome», o seu chamamento faz sempre apelo *à liberdade do homem*. Cristo diz: «Se queres ...». A resposta a este chamamento, portanto, é uma escolha livre. Escolhestes a Jesus de Nazaré, o Redentor do mundo, ao escolherdes o caminho que Ele vos indicou.

Dos escritos do Padre Fundador (*Inspectio cordis*, fls. 135r-136r)

1. “Viu Jesus um homem (...) sentado na coletoria de impostos” (Mt 9, 9).

Observa que, ao utilizar a palavra “homem”, S. Mateus queria enfatizar a sua insignificância. Enquanto os outros o chamavam de coletor de impostos, ele se chamava apenas de homem, porque sabia que aquele que é homem também é pecador. Não queria incluir-se entre aqueles a respeito dos quais foi dito: “Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo” (Sl. 81, 6). Além disso, era chamado de coletor de impostos apenas porque dirigia a coletoria de imposto e recebia dos judeus os impostos e as taxas alfandegárias, que eles, como povo escolhido, não se sentiam obrigados a pagar. Oh, que grande pecador devias chamar-te se o mundo todo ficasse sabendo dos teus pecados, que agora são visíveis apenas a Deus. Por isso pede a Jesus que em Sua bondade olhe para ti e te purifique dos teus pecados ocultos.

2. “E disse-lhe: Segue-me” (Mt 9, 9)

Leva em consideração o fato de que o testemunho da autêntica conversão é a verdadeira imitação de Cristo. Judas não se converteu visto que, embora tenha seguido os passos de Jesus, seguiu-O de forma traiçoeira, acompanhava-O cheio de falsidade e pensava nos seus interesses. De forma diferente, como podes imaginar, procedeu São Mateus. Ele era realmente um imitador de Cristo, visto que, tendo-se levantado, seguiu os Seus passos. Do que se levantou? Do pecado. Para onde seguiu os passos de Cristo? Para a prática das virtudes. Eis que se te apresenta aqui uma boa regra de imitação de Cristo: levantar-se e seguir os Seus passos. Se não te levantares, não serás capaz de seguir os Seus passos, ainda que te pareça que O estejas imitando. Se nos recônditos da tua vontade própria escondes o amor a ti mesmo ou outros interesses semelhantes, não segues os passos de Cristo, não imitas verdadeiramente a Cristo, ainda que envergues o traje religioso, ainda que tenhas feito os votos de obediência, castidade e pobreza e disso te vanglories. Por isso levanta-te e segue os Seus passos, porque, se não te levantares, jamais seguirás os Seus passos.

3. “Vieram muitos publicanos e pecadores e se assentaram à mesa com Jesus” (Mt 9, 10).

Considera que ainda agora vêm a Jesus muitos publicanos e pecadores, a saber, quando se aproximam do sacramento da penitência. Mas quando estes mesmos se assentam com Jesus à Mesa e são participantes do Banquete celestial, já se tornam justos, já deixam de ser publicanos e pecadores. Então tu te admirarás excessivamente com as transgressões humanas? Com exagerado zelo te inquietarás quando aqueles mesmos que hoje são pecadores, amanhã talvez sejam santos? Porque há pouco eram piores que os espíritos maus e logo depois serão mais justos que os Anjos? Nem mesmo precisam esforçar-se demasiadamente: basta que se aproximem de Jesus e se assentem com Ele à Mesa, e logo são purificados dos pecados e adornados de virtudes. Madalena também aproximou-se de Jesus como pecadora, e afastou-se justificada. Oh, que feliz é esse acesso a Jesus! Através dele alcança-se a capacidade de afastar-se dos pecados! Oh, que santo é esse Sacramento, que de um pecador faz uma pessoa que ama, de um servo do mundo – um servo de Deus, de um filho das trevas – um filho da luz, de um escravo do demônio – um liberto de Cristo!

Tema II: A CONSAGRAÇÃO RELIGIOSA

Palavra de Deus (Rm 6, 1-14)

O batismo- Que diremos, então? Que devemos permanecer no pecado a fim de que a graça atinja sua plenitude? De modo algum! Nós, que morremos para o pecado, como haveríamos de viver ainda nele? Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto pelo Batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova.

Porque se nos tornamos uma coisa só com ele por uma morte semelhante à sua, sabendo que nosso velho homem foi crucificado com ele para que fosse destruído este corpo de pecado, e assim não sirvamos mais ao pecado. Com efeito, quem morreu, ficou livre do pecado.

Mas se morremos com Cristo, temos fé que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele. Porque, morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas; vivendo, ele vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo Jesus.

Serviço do pecado e serviço da justiça – Portanto, que o pecado não impere mais em vosso corpo mortal, sujeitando-vos às suas paixões; nem entregueis vossos membros, como armas de injustiça, ao pecado; pelo contrário, oferecei-vos a Deus como vivos provindos dos mortos e oferecei vossos membros como armas de justiça a serviço de Deus. E o pecado não vos dominará, porque não estais debaixo da Lei, mas sob a graça.

Documentos da Igreja (RD 7)

7. A vocação, amados Irmãos e Irmãs, levou-vos à profissão religiosa, graças à qual vós fostes consagrados a Deus, mediante o ministério da Igreja; e, ao mesmo tempo, fostes incorporados na vossa Família religiosa. Por isso, a Igreja pensa em vós, em primeiro lugar enquanto sois pessoas «consagradas»: *consagradas a Deus em Jesus Cristo* para lhe pertencerdes exclusivamente. Esta consagração determina o vosso lugar na ampla Comunidade da Igreja, do Povo de Deus; ao mesmo tempo, introduz na missão universal deste Povo recursos especiais de energia espiritual e sobrenatural: uma peculiar forma de vida, de testemunho e de apostolado, na fidelidade à missão do vosso Instituto, à sua identidade e ao seu patrimônio espiritual. A missão universal do Povo de Deus está radicada na missão messiânica do próprio Cristo - Profeta, Sacerdote e Rei - na qual todos *participam de diversas maneiras*. A forma de participação própria das pessoas «consagradas» corresponde à forma do vosso enraizamento em Cristo. E é precisamente a profissão religiosa que determina a profundidade e o vigor deste enraizamento.

A mesma profissão cria um vínculo novo do homem com Deus uno e trino, em Jesus Cristo. Este ligamento tem fundamento e é acréscimo daquele *vínculo original*, que se estabeleceu *no sacramento do Batismo*. A profissão religiosa «tem as suas raízes profundas na consagração do Batismo e exprime-a mais perfeitamente». (25) Deste modo, ela torna-se, no seu conteúdo constitutivo, uma nova consagração: a consagração e a doação da pessoa humana a Deus, amado sobre todas as coisas. O compromisso assumido mediante os votos de pôr em prática os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, segundo as disposições próprias das vossas Famílias religiosas, conforme se encontram

determinadas nas respectivas Constituições, representa a *expressão* de uma consagração total a Deus e, conjuntamente, o meio que leva à sua realização. Aqui vão buscar também a própria forma o testemunho e o apostolado peculiar das pessoas consagradas. Importa, no entanto, procurar a raiz desta consagração consciente e livre e da subsequente *entrega de si mesmo a Deus para lhe pertencer* no Batismo, sacramento que nos conduz ao mistério pascal, como vértice e centro da Redenção realizada por Cristo.

Por conseguinte, quando se quer pôr totalmente em realce a realidade da profissão religiosa, é necessário referir-se às vibrantes palavras de São Paulo na *Carta aos Romanos*: «Ou ignorais, porventura, que todos os que fomos *batizados* em Cristo Jesus, fomos *imersos* à semelhança da sua morte? Por meio do Batismo fomos, pois, sepultados juntamente com Ele, à semelhança da morte, para que, assim como Jesus Cristo... assim caminhemos, nós também, numa nova vida». (26) «O nosso homem velho foi crucificado com Ele... a fim de já não sermos escravos do pecado». (27) «Do mesmo modo, vós também, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus em Jesus Cristo». (28)

A profissão religiosa - assente na base sacramental do Batismo, em que está radicada - é uma «nova sepultura na morte de Cristo»: nova, pela consciência e pela escolha; nova, mediante o amor e a vocação; nova, enfim, mediante a incessante «conversão». Essa «sepultura na morte» faz com que o homem «sepultado juntamente com Cristo», «*caminhe como Cristo numa vida nova*». Em Cristo crucificado vão encontrar o seu fundamento último quer a consagração batismal, quer a profissão dos conselhos evangélicos; esta, na palavra do Concílio Vaticano II, «constitui uma consagração especial». É simultaneamente *morte e libertação*. São Paulo escreve: «considerai-vos mortos para o pecado»; ao mesmo tempo, porém, chama a esta morte «libertação da escravatura do pecado». A consagração religiosa, todavia, sobre a base sacramental do santo Batismo, constitui sobretudo uma vida nova «para Deus em Cristo Jesus».

E eis que assim, conjuntamente à profissão dos conselhos evangélicos, dum modo muito mais amadurecido e mais cômico é «*deposto o homem velho*»; e, da mesma maneira, é «*revestido o homem novo*, criado à imagem de Deus na justiça e na santidade verdadeira», querendo usar, uma vez mais, as palavras da *Carta aos Efésios*. (29)

Dos escritos do Padre Fundador (*Oblatio*)

OFERECIMENTO

Kazimierz, arredores de Cravóvia, 11 de dezembro de 1670.

Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo Crucificado. Amém.

Eu, Estanislau de Jesus Maria Papczynski, segundo o corpo filho de Tomás de Podogrodzie, Diocese de Cravóvia, aos quarenta anos de idade, ofereço e consagro a Deus Pai Todo-Poderoso e ao Filho e ao Espírito Santo, bem como à Mãe de Deus sempre Virgem Maria concebida sem a mácula original, o meu coração, a minha alma, a minha inteligência, a minha memória, a minha vontade, os meus sentimentos, toda a minha mente, todo o meu espírito, os meus sentidos interiores e exteriores, e o meu corpo, nada em absoluto deixando a mim mesmo, para que dessa forma eu seja a partir de agora um Servo desse Todo-Poderoso e da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Prometo-Lhes, portanto, que servirei até o final da minha vida, em castidade e com zelo, nesta Sociedade dos Padres Marianos da Imaculada Conceição (que por graça divina quero fundar) e que adaptarei a minha forma de vida às suas leis, estatutos e ritos, e que jamais farei, nem permitirei ou concordarei, mesmo de forma indireta, que eles sejam de alguma forma abolidos ou modificados, nem que deles seja concedida dispensa, a não ser por uma necessidade séria e de acordo com a lei.

Prometo, além disso, uma racional obediência a Sua Santidade o Vigário de Jesus Cristo e à sua autoridade delegada, bem como a todos os meus Superiores indiretos e diretos, e ainda que não possuirei nada como propriedade particular, mas que considerarei tudo como propriedade comum.

Confesso que creio em tudo em que crê a Santa Igreja Romana e no que futuramente apresentar para a crença, e de maneira especial confesso que a Santíssima Mãe de Deus Maria foi concebida sem a mácula original, que propagarei e defenderei a Sua honra, ainda que isso me custe a vida. Para o que peço a ajuda de Deus e deste Santo Evangelho Divino.

Tema III: OS CONSELHOS EVANGÉLICOS

Palavra de Deus (Fl 3, 7-21)

Mas o que para mim era lucro passei a considerá-lo como perda por amor de Cristo; sim, na verdade, tenho também como perda todas as coisas pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como refugio, para que possa ganhar a Cristo, e seja achado nele, não tendo como minha justiça a que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé; para conhecê-lo, e o poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte, para ver se de algum modo posso chegar à ressurreição dentre os mortos. Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas vou prosseguindo, para ver se poderei alcançar aquilo para o que fui também alcançado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo pelo prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus. Pelo que todos quantos somos perfeitos tenhamos este sentimento; e, se sentis alguma coisa de modo diverso, Deus também vo-lo revelará. Mas, naquela medida de perfeição a que já chegamos, nela prossigamos. Irmãos, sede meus imitadores, e atentai para aqueles que andam conforme o exemplo que tendes em nós; porque muitos há, dos quais repetidas vezes vos disse, e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo; cujo fim é a perdição; cujo deus é o ventre; e cuja glória assenta no que é vergonhoso; os quais só cuidam das coisas terrenas. Mas a nossa pátria está nos céus, donde também aguardamos um Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o corpo da nossa humilhação, para ser conforme ao corpo da sua glória, segundo o seu eficaz poder de até sujeitar a si todas as coisas.

Documentos da Igreja (RD 9)

9. Mediante a profissão abre-se diante de cada um e de cada uma de vós o caminho dos conselhos evangélicos. Há no Evangelho muitas recomendações que excedem a medida do

mandamento, indicando não apenas o que é «necessário», mas aquilo que é «melhor». Assim, por exemplo: a exortação a não julgar, (42) a emprestar «sem nada esperar em troca», (43) a satisfazer todas as exigências e desejos do próximo, (44) a convidar para a própria mesa os pobres, (45) a perdoar sempre (46) e muitas outras semelhantes. O fato de se ter *concentrado nos três pontos da castidade, pobreza e obediência* a profissão dos conselhos evangélicos, seguindo a Tradição, é um costume que parece pôr em relevo, de maneira suficientemente clara, a importância dos mesmos, como elementos-chave de toda a economia da Salvação, como elementos que, em certo sentido, a «resumem». Tudo aquilo que no Evangelho é conselho entra, indiretamente, no programa daquele caminho para o qual Cristo chama, quando diz: «segue-me». Mas a castidade, a pobreza e a obediência dão a este caminho uma *característica cristocêntrica* particular e imprimem nele um sinal específico da economia da Redenção.

É essencial para esta «economia» a *transformação* de todo o cosmos *através do coração do homem*, a partir de dentro: «A criação atende ansiosamente a revelação dos filhos de Deus ... na esperança de que as próprias criaturas serão libertadas da escravatura da corrupção, para participar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus». (47) Tal transformação vai de par com o amor que o chamamento de Cristo difunde no coração do homem, com aquele amor que constitui a própria substância da consagração; ou seja, daquele ato pelo qual o homem ou a mulher se devotam a Deus na profissão religiosa, sobre o fundamento da consagração sacramental do Batismo. Nós podemos descobrir as bases da economia da Redenção lendo as palavras da *primeira Carta de São João*: «Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque todas as coisas do mundo — a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida — não provêm do Pai, mas do mundo. Ora o mundo passa e também a sua concupiscência; mas quem faz a vontade de Deus permanece eternamente». (48)

A profissão religiosa põe no coração de cada um e de cada uma de vós, amados Irmãos e Irmãs, o *amor do Pai*; aquele amor que está no coração de Jesus Cristo, Redentor do mundo. É um amor que abrange o mundo e tudo *aquilo* que nele *provém do Pai*; e é o mesmo amor que tende a debelar no mundo tudo aquilo que *não provém do Pai*. Ele tende, pois, a vencer a tríplice concupiscência. «A concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida» encontram-se latentes no íntimo do homem, como *herança do pecado original*, em consequência do qual a relação com o mundo, criado por Deus e dado ao homem para que ele o submetta, (49) veio a encontrar-se deformada, de diversas maneiras, no coração humano. Os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência constituem, na economia da Redenção, os meios mais radicais para transformar no coração do homem essa relação com «o mundo»: com o mundo exterior e com o próprio «eu» que, em certo sentido, é a parte central «do mundo» no significado bíblico, na medida em que nele tem a sua origem aquilo que «não provém do Pai».

No contexto das frases acabadas de citar da *primeira Carta de São João*, não é difícil advertir a importância fundamental dos três conselhos evangélicos em toda a economia da Redenção. Com efeito, a *castidade evangélica* ajuda-nos a transformar na nossa vida interior tudo o que tem a sua fonte na concupiscência da carne; a *pobreza evangélica*, o que tem a sua origem na concupiscência dos olhos; e, por fim, a *obediência evangélica* permite-

nos transformar, de modo radical, aquilo que no coração humano procede da soberba da vida. É de propósito que falamos aqui da superação como de uma transformação, porque toda a economia da Redenção se enquadra na moldura daquelas palavras dirigidas por Cristo ao Pai na Oração sacerdotal: «Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal». (50) Os *conselhos* evangélicos na sua finalidade essencial servem para o «renovação da criação»: «O mundo», graças a eles, deve ser submetido ao homem e a ele restituído, de maneira a fazer com que o mesmo homem seja perfeitamente restituído a Deus.

Dos escritos do Padre Fundador (A regra da vida, cap. III)

Obediência, Pobreza, Castidade

1. Deveis, sobretudo, ser obedientes a Deus, ao Papa, aos Bispos, aos superiores da vossa Congregação, e a seguir aos seus substitutos, aos funcionários da casa, à sineta que vos convoca para os exercícios comuns, mas com ânimo, disposição e perfeição, com paciência, humildade, coragem e perseverança. Não hesiteis também em ser submissos aos homens, visto que o Apóstolo quer que sejamos submissos a toda criatura [humana] [cf. 1Pd 2, 13], e tanto mais a toda autoridade. “Pois não há autoridade que não venha de Deus” – diz ele, e por isso “aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus” [Rm 13, 1-2], o que é a demonstração da maior tolice. Buscai o estímulo e o exemplo da obediência no nosso próprio Redentor, que “humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” [Fl 2, 8]. Nessa matéria, no caso daquele que relutasse em imitá-Lo, seria evidente que ele não quer reinar com Cristo, se não quisesse ser obediente à autoridade legal em razão de Cristo. E na obediência deve ser observada a seguinte ordem: que a autoridade inferior ceda à superior e que a inferior não busque enfraquecer a superior. E também a ordem posterior, se a anterior foi expressamente revogada, deve ser colocada acima dela. E, embora devais todos, com a devida submissão, respeitar os Ordinários locais e estar maximamente prontos a demonstrar-lhes submissão, contudo, para evitar confusão na administração e numerosas perturbações, unicamente os Superiores dêem atenção às fundamentadas ordens dos Bispos, ao passo que os membros, sem nenhuma delonga ou pretexto, sejam obedientes aos Superiores e às leis; e não julguem que tenham qualquer direito ou privilégio de convocar os Superiores diante de júzos ou tribunais exteriores, isso para evitar numerosas disputas, escândalos e rebeliões. No entanto, se alguma vez ocorrer uma disputa ou uma transgressão menos importante, isso deve ser resolvido e consertado dentro da própria Congregação, normalmente, com calma e justiça. Através dessa lei não pretendemos, no entanto, introduzir qualquer coisa que esteja em desacordo com o Direito Canônico, os decretos ou as resoluções da santa Igreja Romana. Contudo, se aparecer entre vós algum insubordinado, arruaceiro ou velhaco que subleva os outros, que seja subjugado pela ação conjunta de todos que são partidários da paz interior e da boa administração (mas sem deixar de previamente dar-lhe a possibilidade de uma justa defesa e de purificação das acusações e preservando-se a ordem jurídica), utilizando para isso igualmente, se ocorrer a necessidade, a ajuda da autoridade civil. Com efeito, a um verdadeiro servo de Deus compete viver em paz e ele não deve cuidar a quem, mas por amor a quem deve ser obediente. Todas as penitências e mortificações que vos forem assinaladas pelo Superior devem ser por vós cumpridas com a ajuda divina, com humildade e alegria, ainda que vos pareçam severas. Nem murmureis contra os Superiores nem deles vos queixeis, mas amai-os e respeitai-os. E se alguém realmente for

sobrecarregado por algum Superior, ou suporte isso com muita paciência para o mérito da vida eterna, ou com a máxima modéstia ele mesmo ou por intermédio de alguém outro presente [esse problema] àquele por quem está sendo sobrecarregado, a fim de que aplique a devida moderação.

2. A essência da vossa pobreza consiste em ninguém, sem o consentimento do Superior, possuir qualquer coisa como propriedade particular, nem ousar chamar qualquer coisa de sua própria. As coisas que foram entregues para o uso de alguém devem ser conservadas limpas, íntegras e na medida do possível por longo tempo. Todas as receitas pertençam ao uso comum, sem levar em consideração se foram reunidas de esmola ou de outra parte; e a forma do seu recolhimento, conservação e distribuição, que está contida nos Decretos pontifícios, seja preservada na sua integridade, sob pena dos castigos ali mencionados. Que ninguém conserve consigo não apenas dinheiro, sob pena de privação de voto ativo e passivo, mas também alimentos ou bebidas sem a autorização do Superior, que seja concedida racionalmente por algum tempo. Todos, com efeito, devem viver do patrimônio e da mesa comum. E essa autorização deve ser concedida principalmente e unicamente aos idosos e doentes, prevendo-se [a possibilidade] de qualquer prejuízo. Por isso que nenhum de vós, sem tal permissão dos Superiores, aceite qualquer coisa de qualquer pessoa, seja dentre os residentes da casa ou de fora dela, nem dê qualquer coisa a ninguém. A herança familiar e quaisquer coisas que possua no mundo devem ser distribuídas antes de fazer a profissão, a não ser que em algum caso ocorra um obstáculo, e então que isso seja feito quanto antes após a profissão, visto que nosso Senhor claramente declarou: “Qualquer de vós que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14, 33). Além disso, para que em razão de uma penúria demasiadamente severa os membros não sejam desleixados no serviço divino, os Superiores deverão abastecê-los suficientemente de tudo, de acordo com os nossos estatutos, mas não em demasia, na medida em que o possam fazer no Senhor. Embora cada um deva recordar e também imitar a penúria do Rei Celestial, o qual, como lemos, não possuía nem sequer uma residência própria [cf. Mt 8, 20; Lc 9, 58] e estando certa vez com sede não teve vergonha de pedir água [cf. Jo 4, 7]. Por isso também vós, encontrando-vos na extrema pobreza, alegrai-vos muito por então poderdes ser verdadeiros discípulos de Cristo Senhor e Seus imitadores.

3. E visto que a obediência preserva a castidade, e a pobreza a alimenta, por isso o espírito que insistentemente se empenha pela castidade que se exercite na obediência e na pobreza, e então as possuirá. Ainda que na observância daquela virtude angelical a mais útil para cada um seja a modéstia dos olhos e a elevação mais freqüente possível da alma a Deus, a fuga da ociosidade, das conversas e da leitura inútil, a prudente fuga dos contatos perigosos, o amor à cela e o respeito da clausura, a ardente invocação da ajuda do Espírito Santo, da Virgem Mãe de Deus, do Anjo da Guarda, de São José e das santas virgens. Os superiores por sua vez se empenharão para não lançar alguém em algum perigo que ameace tão grande virtude, ou para não deixar de prestar assistência a alguém que nele se encontre, porquanto das [pessoas] a eles confiadas prestarão diante de Deus a mais severa conta.

Tema IV: A CASTIDADE EVANGÉLICA

Palavra de Deus (1Cor 7, 29-35)

Irmão, eu vos afirmo: o tempo se faz breve. Por isso, os que têm mulher, vivam como se não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam este mundo, como se não usassem. Porque a figura deste mundo passa. Desejaria vos ver livres de preocupações. O homem solteiro cuida das coisas do Senhor: procura agradar ao Senhor. Mas o que é casado cuida das coisas do mundo: procura agradar à mulher. E, então, fica dividido. Do mesmo modo, a mulher que não está casada, como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa de corpo e espírito. Mas a que é casada cuida das coisas do mundo: procura ser agradável ao marido. Eu vos digo isto para o vosso próprio interesse. Não quero vos preparar uma armadilha, mas sim vos levar para o que é honesto e vos unir ao Senhor sem divisões.

Documentos da Igreja (VC = *Vita consecrata* n. 88)

88. A *primeira provocação* provém de uma *cultura hedonista* que separa a sexualidade de qualquer norma moral objetiva, reduzindo-a freqüentemente ao nível de objeto de diversão e consumo, e favorecendo, com a cumplicidade dos meios de comunicação social, uma espécie de idolatria do instinto. As conseqüências disto estão à vista de todos: prevaricações de todo o gênero, geradoras de inúmeros sofrimentos psíquicos e morais para os indivíduos e as famílias. A *resposta* da vida consagrada está, antes de mais, na *prática alegre da castidade perfeita*, como testemunho da força do amor de Deus na fragilidade da condição humana. A pessoa consagrada atesta que aquilo que é visto como impossível pela maioria da gente, torna-se, com a graça do Senhor Jesus, possível e verdadeiramente libertador. Sim, em Cristo é possível amar a Deus com todo o coração, pondo-O acima de qualquer outro amor, e amar assim, com a liberdade de Deus, toda a criatura! Este testemunho é hoje mais necessário que nunca, exatamente por ser tão pouco compreendido pelo nosso mundo. Ele é oferecido a toda a gente — aos jovens, aos noivos, aos cônjuges, às famílias cristãs — para mostrar a todos que *a força do amor de Deus pode operar grandes coisas*, mesmo no âmbito das vicissitudes do amor humano. É um testemunho que vai de encontro também a uma necessidade crescente de transparência interior nas relações humanas.

É preciso que a vida consagrada apresente ao mundo de hoje exemplos de uma castidade vivida por homens e mulheres que demonstram equilíbrio, domínio de si, espírito de iniciativa, maturidade psicológica e afetiva ⁽²²⁴⁾. Graças a este testemunho, é oferecido ao amor humano um ponto de referência seguro, que a pessoa consagrada encontra na contemplação do amor trinitário, que nos foi revelado em Cristo. Precisamente porque imersa neste mistério, ela sente-se capaz de um amor radical e universal, que lhe dá a força para o domínio de si e a disciplina necessária para não cair na escravidão dos sentidos e dos instintos. A castidade consagrada apresenta-se assim como experiência de alegria e de liberdade. Iluminada pela fé no Senhor ressuscitado e pela esperança dos novos céus e da nova terra (cf. *Ap* 21,1), ela oferece também preciosos estímulos para a educação da castidade obrigatória nos outros estados de vida.

Dos escritos do Padre Fundador (*Inspectio cordis* fls. 163r-164r)

1. Considera que a castidade é aquela virtude angelical, e até mais que angelical, em razão do vaso frágil em que se encontra esse preciosíssimo e mui cheiroso licor. Leva em

conta que tens a obrigação de preservar a castidade não apenas porque a amaste, mas porque te comprometeste a observá-la sob juramento: por isso, não apenas com fundamento na virtude, mas também por força do voto. Fica sabendo que, enquanto as almas puras agradam a Deus mais que as outras, as almas entregues à impureza não agradam a Deus e despertam n'Ele uma grande aversão. Agora, portanto, tens uma ocasião para refletir a respeito da forma como preservaste esse voto.

2. Considera que toda pessoa tem a obrigação de preservar a virtude da castidade não apenas em razão da lei positiva de Deus, mas ainda em razão da lei natural. E tu estás obrigado a isso por uma tríplice razão, a saber, além das duas leis mencionadas, adicionalmente ainda em razão do voto. Por isso, quanto mais te expuseste ao perigo de transgredir esse voto, tanto mais gravemente pecaste, porque cometeste um sacrilégio. Compreende que pecaste da mesma forma que Lúcifer, que quis assentar-se no trono divino, ou como algum outro anjo que se revoltou contra Deus. E se, por graça divina, não sentes tentações contra essa virtude, fica sabendo que disso não és digno ou que és frágil demais para seres submetido a uma provação. Mas se és provado, realmente isso acontece em razão de uma grande graça do Deus Bondosíssimo e muito providente, e por isso dá-Lhe por isso as maiores graças.

3. Reflete se adotaste os meios que servem à defesa dessa virtude. Se mantiveste sob controle o teu olhar, se controlaste a tua mão, se cuidaste que o teu pensamento fosse imaculado e puro, se evitaste os trajés macios, a alimentação refinada ou a ociosidade, que são os ladrões da castidade, e se evitaste a leitura indecente. Embora tudo isso te deva ser alheio, como a uma pessoa religiosa, mesmo assim, se leste, ouviste ou por outros motivos semelhantes de alguma forma percebeste que essas numerosas ocasiões podem levar à queda num profundo precipício, fazes um exame de consciência sob o ponto de vista dessas questões, que constituem uma grande ameaça à pureza da tua alma.

Tema V: A POBREZA EVANGÉLICA

Palavra de Deus (Mt 19, 23-30)

Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. E outra vez vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus. Quando os seus discípulos ouviram isso, ficaram imensamente impressionados, e perguntaram: Quem pode, então, ser salvo? Jesus, fixando neles o olhar, respondeu: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível. Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que recompensa, pois, teremos nós? Ao que lhe disse Jesus: Em verdade vos digo a vós que me seguistes, que na nova geração, quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, sentar-vos-eis também vós sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo o que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna. Entretanto, muitos que são primeiros serão últimos; e muitos que são últimos serão primeiros.

Documentos da Igreja (VC 89)

89. *Outra provocação* vem, hoje, de um *materialismo ávido de riqueza*, sem qualquer atenção pelas exigências e sofrimentos dos mais débeis, nem consideração pelo próprio equilíbrio dos recursos naturais. A *resposta* da vida consagrada é dada pela profissão da *pobreza evangélica*, vivida sob diversas formas e acompanhada muitas vezes por um empenhamento ativo na promoção da solidariedade e da caridade.

Quantos Institutos se dedicam à educação, à instrução e à formação profissional, habilitando jovens e menos jovens a tornarem-se protagonistas do seu futuro! Quantas pessoas consagradas gastam todas as suas energias em favor dos últimos da terra! Quantas delas se dedicam à formação de futuros educadores e responsáveis da vida social, capazes de se empenharem, por sua vez, para eliminar as estruturas opressoras e promover projectos de solidariedade em benefício dos pobres! Elas lutam para debelar a fome e as suas causas, animam as atividades do voluntariado e as organizações humanitárias, sensibilizam organismos públicos e privados para favorecerem uma eqüitativa distribuição das ajudas internacionais. As nações devem verdadeiramente muito a estes dinâmicos agentes da caridade, que, pela sua incansável generosidade, deram e continuam a dar uma sensível contribuição para a humanização do mundo.

Dos escritos do Padre Fundador (*Inspectio cordis*, fls. 164r-165r)

1. Deves fazer uma meditação muito detalhada a respeito da virtude da pobreza. Quanto mais ocultos são a cobiça dos bens materiais e o amor à posse, com tanto maior atenção devem ser investigados, descobertos e afastados. Por isso verifica se sentimentalmente não és apegado a alguma coisa, ainda que a tenhas com permissão. Porquanto, embora a muitas pessoas mesmo alguns bens materiais grandes e numerosos, possuídos legalmente, não acarretem o mínimo prejuízo, a ti – pelo contrário – pode ser muito prejudicial até a mínima coisa, se a desejas com demasiada emotividade ou se a ela te apegas. Para muitos é coisa honrosa a posse de muitos bens, mas tu, obrigado pelo voto religioso da pobreza, debes refrear e limitar a vontade de possuir até objetos necessários, como por exemplo alguma peça de vestuário. Mas, quando se trata daquelas coisas que, como tu mesmo vês claramente, são inconciliáveis com a virtude da pobreza, considera-as como serpentes venenosas, que mui rapidamente trarão a perdição a ti e à Ordem. Por isso livra-te delas imediatamente e afasta-as da tua cela, a fim de que a preciosa pérola da pobreza evangélica não perca por isso o seu valor e para que não seja prejudicado o seu esplendor.

2. Avalia se de maneira especial não és sentimentalmente apegado a alguma coisa de que não possas separar-te, ou da qual – mesmo te separando – tu o farias com certa tristeza e perturbação da paz interior. Seria isso algo bem mais sério e pior do que se tivesses a posse do mundo inteiro, mas sem o apego interior a ele. Verifica também se não deste a alguém outro a ocasião para transgredir ou menosprezar a pobreza, seja permitindo que ficasse com alguma coisa, seja fornecendo-lhe algo para que buscasse a permissão de ficar com ela, ou ainda introduzindo na Ordem ou na casa religiosa objetos, mesmo pequenos, mas incompatíveis com o espírito da santa pobreza. A seguir, se talvez não ocultaste diante do superior algo que licitamente poderias possuir? Ou talvez não entregaste para o uso comum aquelas coisas que te foram oferecidas por outros ou pela insistência conseguiste junto ao superior que apenas tu pudesses delas utilizar-te? Lembra-te de que, da mesma forma que nu te levantaste do pó da terra, também nu a ela voltarás. Por ti Cristo,

tendo deixado o céu, nu nasceu no estábulo, para que tu assim despojado O imitasses. Não tendo nada, terás tudo, segundo esta máxima: “O monge ou o religioso nu é o senhor do mundo inteiro”.

3. Deves felicitar-te ao máximo por Deus te haver chamado ao estado mais feliz e à profissão do voto mais precioso, porque ele te assegura a máxima paz, tranquilidade e alegria. Conheces também a situação oposta: quanto sofrem os possuidores de grandes tesouros, que conquistaram com o máximo esforço e que, alcançados com a maior solicitude, medo e vigilância, merecem os seus cuidados e, caso ocorra que os percam, sofrem enormemente, por vezes até atentando contra a própria vida. De que lhes servirá esse acúmulo de tesouros, se com esses bens não podem possuir a Deus como o Bem Supremo? Porquanto ninguém pode ao mesmo tempo servir a Deus e ao dinheiro (cf. Mt 6, 24; Lc 16, 13) e ninguém pode seguir os passos de Jesus e alcançá-Lo se não for e não vender tudo (cf. Mt 19, 21). Além disso, aos ricos é muito difícil entrar na vida imortal, como a esse respeito da forma mais verdadeira assegura a própria Verdade, dizendo que “é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mt 19, 24). E ao contrário, essa mesma Verdade diz que os pobres herdarão os bens imortais: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5, 3).

Tema VI: A OBEDIÊNCIA EVANGÉLICA

Palavra divina (Mt 26, 36-42a)

Então foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani, e disse aos discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar. E levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Então lhes disse: A minha alma está triste até a morte; ficai aqui e vigiai comigo. E adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra e orou, dizendo: Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. Voltando para os discípulos, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Assim nem uma hora pudestes vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. Retirando-se mais uma vez, orou...

Documentos da Igreja (VC 91)

91. A *terceira provocação* provém daquelas *concepções da liberdade* que subtraem esta fundamental prerrogativa humana à sua relação constitutiva com a verdade e com a norma moral ⁽²²⁷⁾. Na realidade, a cultura da liberdade é um valor autêntico, ligado intimamente ao respeito da pessoa humana. Mas quem não vê as conseqüências monstruosas de injustiça e mesmo de violência, geradas na vida dos indivíduos e dos povos pelo uso deturpado da liberdade?

Uma *resposta* eficaz a tal situação é a *obediência que caracteriza a vida consagrada*. Esta apresenta de modo particularmente vivo a obediência de Cristo ao Pai e, partindo exatamente do seu mistério, testemunha que *não há contradição entre obediência e liberdade*. Com efeito, o comportamento do Filho desvenda o mistério da liberdade humana, como um caminho de obediência à vontade do Pai, e o mistério da obediência,

como um caminho de progressiva conquista da verdadeira liberdade. É precisamente este mistério que a pessoa consagrada quer exprimir com este voto concreto. Com ele, deseja dar testemunho da sua consciência de um relacionamento de filiação, em virtude do qual assume a vontade paterna como alimento diário (cf. *Jo* 4,34), como sua rocha, alegria, escudo e baluarte (cf. *Sal* 18/17,3). Demonstra assim que cresce na verdade plena de si mesma, quando permanece ligada à fonte da sua existência, e deste modo oferece uma mensagem repleta de consolação: « Gozam de grande paz os que amam a vossa lei, para eles não existe perturbação » (*Sal* 119/118,165).

Dos escritos do Padre Fundador (*Inspectio cordis*, fls. 170r-171r)

1. Volta a tua atenção a todas as virtudes pelas quais com o máximo zelo deves empenhar-te, com todo o esforço buscá-las e de bom grado praticá-las. Passa todas em pensamento, mui atentamente as aprofundando, especialmente aquelas que são adequadas à tua vocação e perfeição. Presta atenção também às falhas e defeitos que se opõem a essas virtudes. Com quanta diligência evitaste a tagarelice, que destrói as virtudes e dissipa o espírito? Com quanto zelo observaste o silêncio, guarda dessas mesmas virtudes e do recolhimento do espírito? Como as praticaste em tua vida? Como cultivaste as virtudes da benevolência, da afabilidade e da docilidade, esses máximos adornos do religioso? Com quanto esforço te empenhaste pela paciência, essa virtude hereditária dos cristãos, e tanto mais dos religiosos? Pela fortaleza e pela generosidade, que se distingue pelo fato de se opor a tudo que é contrário à perfeição? E com quanta força de espírito combateste defeitos como a pusilanimidade, o vão temor, a tristeza descontrolada, a impaciência e a ira? Quantas vezes negligenciaste e quantas vezes praticaste a submissão à vontade divina (resignação), autora principal da paz interior e da perseverança? Será que até agora fizeste progressos na perfeição religiosa, não quanto às honrarias, à ciência, à dignidade, a funções importantes, mas no que diz respeito à pobreza, à humildade, à obediência, ao amor de Deus, ao desprezo de ti mesmo e a outras virtudes nas quais consiste a perfeição religiosa? Reflete se, na medida das graças divinas recebidas, fizeste progressos nos exercícios espirituais, por exemplo na oração, na contemplação, ou ao contrário – recuaste? Porque, segundo uma opinião frequentemente repetida dos doutores da espiritualidade: “Não fazer progressos significa deter-se, e não seguir adiante significa recuar”. Aliás, quem não sabe disso da experiência diária?

2. Considera a que assuntos mais te dedicaste e entregaste durante a tua estada neste estado religioso: às mortificações ou aos confortos? A que mais inclinaste o teu espírito: à superação da tua vontade ou ao seu cumprimento? À satisfação de desejos alheios, especialmente dos superiores, ou à satisfação das tuas aspirações? Se estiveste mais ocupado com o cumprimento das tuas aspirações, podes ficar convencido de que te guiaste por um falso espírito. Se ocorreu o contrário, não tenhas dúvida de que te guiaste muito bem e fica sabendo que isso estava de acordo com a tua vocação. A fim de lhe corresponder, aumenta e amplia atualmente também essas menores e novas centelhas do amor de Deus com o objetivo de praticar as virtudes, favorecendo-as com ágil esforço e com o desejo de fazer progressos e de realmente aperfeiçoar-te. Se menosprezares a ti mesmo, sentirás quão doce é o Senhor! Se todo te desprenderes do mundo, experimentarás quão amargo é o mundo! Com efeito, qual o gosto, qual o aroma que sentem aqueles que não apenas degustam, mas absorvem os prazeres corporais, os deleites do mundo e as bebidas babilônicas? Oh! Eles poderão haurir e sorver delas uma doçura efêmera, em razão

da qual serão, no entanto, arremessados no abismo sem fundo das eternas amarguras. Pelos séculos lamentarão essa satisfação da própria natureza e jamais apagarão a sua culpa. Porém ao contrário, quanta doçura permanente encontra-se na cruz, na paciência, nas mortificações, nas labutas, nas desgraças e injustiças sofridas, suportadas em espírito de imitação do Deus-Homem! Nessas coisas os amantes da cruz e do sofrimento encontram a abundância de intermináveis alegrias, de perpétuos consolos, de santo e permanente prazer, ainda que somente após uma encarniçada luta e combates com o mundo, o inferno e as suas más concupiscências. Tens a mão livre para a escolha de uma dessas duas opções, porque possuis o livre arbítrio e a livre vontade. Vê, no entanto, com quanta prudência e com quanto proveito já escolheste uma delas e deves ainda escolher. Deves levar em consideração o fim da vida de todos, que é dúplice, da mesma forma que de dois gêneros são as pessoas. O destino das pessoas dissolutas, desejosas de honras, que levam esta vida sem a observância da lei, é o castigo da morte eterna, segundo este pronunciamento: “Seu fim é a destruição” (Fl 3, 19). Ao passo que o destino das pessoas justas, entregues a todo gênero de mortificações, obedientes e que vivem de acordo com as santas verdades e regras é a glória imortal e a felicidade que consiste na incansável contemplação de Deus, o Bem Supremo, e na vida sem morte e sem fim, segundo estas palavras: “A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá” (Sb 3, 1).

3. Cuidadosamente reflete sobre os frutos das mortificações que colheste durante a tua vida religiosa. Que proveito alcançou a tua alma de tão freqüente participação dos santos sacramentos e da contínua prática das virtudes? Que grande proveito para a salvação alcançou de tão freqüente leitura espiritual, das reflexões, dos diálogos? Até que ponto progrediu na conquista das virtudes, estimulada ao bem e como que incitada por esporas através de tantas palestras piedosas, tantas santas inspirações e admoestações? Que vantagens te trouxe a permanência na casa de Deus, que vantagens te deram as orações, as mortificações corporais e os jejuns costumeiros? Aqui faz também um exame de consciência do tempo desperdiçado, que foge sem retorno, aproximando-se dia a dia das fronteiras da eternidade e sabendo que em breve terás que entrar no seu porto. De que santas mercadorias carregado nele atracarás? Se não tiveres aquelas pérolas das virtudes, que nas alturas celestiais são muito apreciadas, fica convencido de que não serás admitido à margem da pátria celestial. E se isso acontecesse (do que te livre Deus!), aonde te dirigirias? No oceano do mundo o teu barco não pode hibernar eternamente, mas incessantemente deve buscar a margem e a ela chegar: seja ao litoral feliz da Terra Prometida, seja à infeliz margem da eterna condenação. Para o teu diálogo com Deus leva em conta: o arrependimento pelas falhas, pecados e todas as imperfeições, bem como a aversão a eles, da mesma forma que os santos, nobres e irrevogáveis propósitos tomados quanto à prática das virtudes heróicas; adiciona a eles o firme propósito de emenda de toda a tua vida.

Tema VII: A VIDA FRATERNA

Palavra de Deus (At 2, 42-47)

Eles permaneciam constantes no ensino dos apóstolos, na comunhão fraterna, na cerimônia do partir do pão e nas orações. O temor se apoderava de todos. Numerosos prodígios e milagres eram realizados pelos Apóstolos. Os fiéis viviam todos unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e seus bens, repartindo tudo entre todos, conforme a

necessidades de cada um. Todos os dias se reuniam no Templo. Partiam o pão em suas casas tomando as refeições com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E cada dia o Senhor aumentava aquele grupo com outras pessoas que iam sendo salvas.

Documentos da Igreja (VC 41)

41. Durante a sua vida terrena, o Senhor Jesus chamou aqueles que quis, para andarem com Ele e ensiná-los a viver, segundo o seu exemplo, para o Pai e para a missão d'Ele recebida (cf. *Mc* 3,13-15). Inaugurava assim aquela nova família da qual haveriam de fazer parte, ao longo dos séculos, quantos estivessem prontos a « cumprir a vontade de Deus » (cf. *Mc* 3,32-35). Depois da Ascensão, mercê do dom do Espírito, constituiu-se ao redor dos Apóstolos uma comunidade fraterna, unida no louvor de Deus e por uma concreta experiência de comunhão (cf. *Act* 2,42-47; 4,32-35). A vida dessa comunidade e mais ainda a experiência de plena partilha com Cristo, vivida pelos Doze, foram constantemente *o modelo em que a Igreja se inspirou*, quando quis reviver o fervor das origens e retomar, com novo vigor evangélico, o seu caminho na história ⁽⁸⁶⁾.

Na realidade, *a Igreja é essencialmente um mistério de comunhão*, « um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo » ⁽⁸⁷⁾. A vida fraterna intenta refletir a profundidade e a riqueza desse mistério, apresentando-se como um espaço humano habitado pela Trindade, que difunde assim na história os dons da comunhão próprios das três Pessoas divinas. Na vida eclesial, são muitos os âmbitos e as modalidades em que se exprime a comunhão fraterna. À vida consagrada pertence seguramente o mérito de ter contribuído eficazmente para manter viva na Igreja a exigência da fraternidade como confissão da Trindade. Com a incessante promoção do amor fraterno, mesmo sob a forma de vida comum, a vida consagrada revelou que *a participação na comunhão trinitária pode mudar as relações humanas*, criando um novo tipo de solidariedade. Deste modo, ela aponta aos homens quer a sublimidade da comunhão fraterna, quer os caminhos concretos que a esta conduzem. De fato, as pessoas consagradas vivem « para » Deus e « de » Deus, e por isso mesmo podem confessar a força da ação reconciliadora da graça, que abate os dinamismos desagregadores presentes no coração do homem e nas relações sociais.

Dos escritos do Padre Fundador (Regra de vida, cap. II)

Do amor

1. Perfeitamente o Mestre das Nações comparou ao bronze que soa ou ao címbalo que tine [cf. 1Cor 13, 1] o servo de Deus que não possui o verdadeiro amor. Com efeito, a conquista da vida eterna e o valor dos méritos consiste no amor. Por isso, cada um de vós procure conquistar para si da forma mais eficaz, mais que todos os bens, essa pérola preciosíssima, esse tesouro escondido no campo [cf. Mt 13, 44-46]. Porque, embora o amor de Deus seja um dom, ele é recebido e conservado através da incessante oração e mortificação. Portanto, “fazei tudo na caridade” [1Cor 16, 14].

2. Os mandamentos divinos e os conselhos evangélicos, as leis da santa Igreja Romano-Católica, suas normas, decisões, ritos, costumes e imposições, da mesma forma

que a presente *Regra* e outras disposições que um dia possam ser promulgadas, que sejam observados por amor a Deus. Porquanto é assim que brada o Mestre Celestial: “Se alguém me ama, guardará minha palavra” [Jo 14, 23], o que deve ser entendido não apenas em relação à Sua santa doutrina e à sagrada Escritura, mas também em relação às disposições e aos documentos da Sua santa Igreja, que Ele mesmo, através do Espírito Santo, instrui e dirige, e em relação às decisões dos superiores, que dela [isto é, da Igreja] provêm ou por ela são confirmadas.

3. Além disso, deveis por amor a Deus cumprir tudo que é bom e evitar todo o mal. Deveis introduzir em prática toda virtude possível, deveis abominar quaisquer transgressões e o pecado. Por amor a Deus, deveis de bom grado e valorosamente suportar as mortificações, as aflições, as censuras, as injustiças, as calúnias, as dificuldades, os sofrimentos, a penúria, a severidade e outras coisas desse gênero. Por amor a Deus deveis realizar com a máxima perfeição possível os vossos exercícios, as vossas obrigações e as tarefas que vos forem confiadas, bem como tudo que se relaciona com o vosso estado e a vossa vocação. Ao amor de Deus deveis dedicar todas as ações e as experiências de toda a vossa vida, especialmente aquelas do dia-a-dia, bem como todos e cada um dos momentos, instantes, circunstâncias ou mudanças de todas e de cada uma dessas atividades e experiências. Deveis dedicá-las, com a submissão, a confiança e a piedade devidas, por toda a eternidade no altar do amor com o vosso coração puro, juntamente com os méritos de Cristo Senhor e de Sua Imaculada Mãe, bem como de todos os Santos e da Igreja universal. Aquela, finalmente, deve ser a vossa regra comum e o vosso caminho mais seguro ao céu que em ambos os Testamentos a Divina Sabedoria quis reconhecer como a mais digna de recomendação: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento” [Mt 22-37; cf. Dt 6, 5; Mc 12, 30; Lc 10, 27].

4. No que diz respeito ao amor mútuo, saiba que é mais caro à Divina Majestade aquele dentre vós que for considerado como quem mais se distingue no amor mútuo. Cada um se lembre de que a alma do seu Instituto é o amor e de que, na medida em que dele se afastar, na mesma medida também se afastará da vida. Por conseguinte, da mesma forma que diligentemente se empenhará pelo bem, pela fama, pela pureza e santidade de toda a Congregação, também a cada um dos seus membros demonstrará o mesmo que desejaria para si. Evite, portanto, essa peste perniciosa e que mais se opõe ao amor: a inveja, o ódio, a obstinação, a rivalidade, a desconfiança, a difamação, a antipatia, a simpatia, o ciúme, a delação, as injúrias, os mexericos, as maledicências, a perseguição, a parcialidade, o desprezo dos outros, a perturbação, a confusão, as brigas e as disputas. E, como pela paz da própria alma, assim se empenhe pela paz alheia e doméstica, como um zeloso vigia do amor. Finalmente, assim de toda a Congregação como de cada um dos seus membros, procure afastar convenientemente todo o mal. Lembrai-vos do amor da Igreja primitiva, a respeito da qual o autor dos Atos dos Apóstolos diz: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” [At 4, 32].

5. Além disso, em toda ocasião que se apresente não negligencieis a demonstração de todo gênero de amor às pessoas de fora da Congregação e praticai o piedoso amor não apenas em relação àqueles cuja benevolência experimentastes, mas também em relação aos adversários e inimigos (aos quais nosso Senhor com justiça recomenda amar [cf. Mt 5, 44; Lc 6, 27.35]). Lembrai-vos sempre das obras de caridade, que ao Chefe Supremo – a Cristo – são demonstradas nos [Seus] membros e que serão as únicas a triunfar em Seu severo julgamento [cf. Mt 25, 31-46].

Tema VIII: A PRIMAZIA DA VIDA ESPIRITUAL

Palavra de Deus (Rm 8, 2-13)

Porque a lei do Espírito, que dá a vida em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. O que de fato era impossível à Lei enfraquecida pelo poder da carne, Deus o realizou. Enviou seu próprio Filho solidário com a carne de pecado e, em vista do pecado, condenou o pecado na carne, para que as exigências justas da Lei se cumprissem em nós, que já não vivemos de acordo com a carne, mas de acordo com o espírito. Quem vive de acordo com a carne, deseja as coisas da carne; mas quem vive segundo o espírito, deseja as coisas do espírito. Tudo o que a carne deseja é morte. Tudo o que o espírito deseja é vida e paz. O desejo da carne é inimigo de Deus, porque não se sujeita à lei de Deus e nem o pode. Quem vive segundo a carne não pode agradar a Deus. Mas vós não viveis segundo a carne, mas segundo o espírito, se é que realmente o Espírito de Deus habita em vós. Quem não possui o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo. Se Cristo reinar em vós, mesmo que o corpo esteja sujeito à morte em consequência do pecado, o espírito vive por causa da justiça. Se em vós habita o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos, então ele, que ressuscitou a Cristo Jesus dos mortos, dará também vida a vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós. Portanto, irmãos, não devemos nada à carne, para vivermos segundo a carne. Pois, se viveis segundo a carne, estais caminhando para a morte. Mas se, pelo Espírito, fazeis morrer as obras da carne, vós vivereis.

Documentos da Igreja (93)

93. Uma das preocupações mais vezes manifestada no Sínodo foi a de uma vida consagrada que se alimente *nas fontes de uma espiritualidade sólida e profunda*. Trata-se de uma exigência prioritária, inscrita na própria essência da vida consagrada, uma vez que, como qualquer outro batizado, antes por motivos ainda mais prementes, quem professa os conselhos evangélicos é obrigado a tender com todas as suas forças à perfeição da caridade ⁽²²⁹⁾. Este é um compromisso intensamente lembrado pelos inumeráveis exemplos de santos fundadores e fundadoras e de tantas pessoas consagradas, que testemunharam a sua fidelidade a Cristo até ao martírio.

Tender à santidade: eis em síntese o programa de cada vida consagrada, na perspectiva nomeadamente da sua renovação às portas do terceiro milênio. O ponto de partida do programa está no deixar tudo por Cristo (cf. *Mt* 4,18-22; 19,21.27; *Lc* 5,1), preferindo a sua Pessoa a tudo mais, para poder participar plenamente no mistério pascal.

Bem o compreendia S. Paulo que exclamava: « Tudo eu considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus (...). Assim poderei conhecê-Lo, a Ele, e conhecer o poder da sua ressurreição » (*Fil* 3,8.10). É a estrada indicada desde o início pelos Apóstolos, como recorda a tradição cristã tanto do Oriente como do Ocidente: « Aqueles que atualmente seguem Jesus, abandonando tudo por Ele, evocam os Apóstolos que, respondendo ao seu convite, renunciaram a tudo o resto. Por isso, tradicionalmente é costume designá-la como *apostolica vivendi forma* » ⁽²³⁰⁾. A tradição pôs também em evidência, na vida consagrada, a dimensão da sua peculiar aliança com Deus, melhor, da

aliança esponsal com Cristo, de que foi mestre S. Paulo, com o seu exemplo (cf. *I Cor 7,7*) e com o seu ensinamento, proposto sob a guia do Espírito (cf. *I Cor 7,40*).

Podemos dizer que a vida espiritual, considerada como vida em Cristo, vida segundo o Espírito, se apresenta como um itinerário de crescente fidelidade, onde a pessoa consagrada é guiada pelo Espírito e por Ele configurada com Cristo, em plena comunhão de amor e de serviço na Igreja.

Todos estes elementos, inseridos nas várias formas de vida consagrada, geram *uma espiritualidade peculiar*, isto é, um projeto concreto de relacionamento com Deus e com o meio circundante, caracterizado por modulações espirituais particulares e opções de ação que colocam em evidência e repropõem ora um aspecto ora outro do único mistério de Cristo. Quando a Igreja reconhece uma forma de vida consagrada ou um Instituto, garante que, no seu carisma espiritual e apostólico, se encontram todos os requisitos objetivos para alcançar a perfeição evangélica pessoal e comunitária.

Portanto, a vida espiritual deve ocupar o primeiro lugar no programa das Famílias de vida consagrada, de tal modo que cada Instituto e cada comunidade se apresentem como escolas de verdadeira espiritualidade evangélica. Desta opção prioritária, desenvolvida no compromisso pessoal e comunitário, depende a fecundidade apostólica, a generosidade no amor pelos pobres, a própria atração vocacional sobre as novas gerações. É precisamente *a qualidade espiritual da vida consagrada* que pode interpelar as pessoas do nosso tempo, também elas sequiosas de valores infinitos, transformando-se assim num testemunho fascinante.

Dos escritos do Padre Fundador (*Inspectio cordis*, fls. 28r-29v)

1. “Mas eles não entenderam nada” (Lc 18, 34).

Considera que muito mau é o estado de uma mente que não reconhece o bem, não o compreende e até o rejeita. Esse tipo de cegueira atingiu os Apóstolos, que não compreendiam o Senhor que falava dos Seus sofrimentos e da Sua morte iminente. A causa de tal estado da mente deles era o fato de que ainda estava oculta diante deles a virtude do amor, seu papel e sua perfeição, a saber, o amor que faz com que queiramos sofrer e partilhar os tormentos, o insucesso e o infortúnio de uma outra pessoa, seja de um inimigo ou de alguém indisposto contra nós. Se ainda não sentes o desejo de ajudar ao próximo e de suportar pelo bem comum as coisas mais desagradáveis e contrárias à tua índole, fica sabendo que ainda não compreendeste em que consiste a perfeição do amor e que és um verdadeiro ignorante, não conhecendo todas as virtudes graças às quais entramos no céu. Pede, pede a Deus a luz, para que compreendas o grande significado que tem cada uma das virtudes. Pede para conheceres o que Ele quer que faças e o caminho que deves trilhar rumo à perfeição. Pede e reza da seguinte forma: “Dá-me discernimento e eu viverei” (Sl 118, 144). “Abre meus olhos para eu contemplar as maravilhas que vêm de tua lei” (Sl 118, 18).

2. “Havia um cego, sentado à beira do caminho” (Lc 18, 35).

Percebe que a intenção desse homem sentado à beira do caminho, que pedia a recuperação da visão, era receber uma esmola dos transeuntes ou a luz do Salvador, a respeito de cuja vinda a Jericó previamente havia recebido alguma notícia. E se ele em

razão dessas duas coisas suportou tantas dificuldades, sentado continuamente à beira do caminho, exposto ao calor e ao frio, e com tão grande perseverança pedia a dádiva da luz exterior para os olhos, apelando ao Salvador com brados tão insistentes que feria os ouvidos das pessoas que faziam companhia a Cristo, pensa na perseverança que te é necessária na oração, na constância para suportar as mortificações e provações desta vida para alcançares a luz interior, ainda que uma centelha de piedade, e para que – com um cão da mesa do seu senhor – possas receber pelo menos uma migalha ou um bocado; para que também no final mereças permanecer no santuário celestial em face do próprio Sol incriado e para que possas deliciar-te com a sua luz. Da mesma forma que uma pessoa perseverante tem condições de alcançar tudo, nenhum dom celestial pode ser alcançado sem a perseverança na oração.

3. “Senhor, que eu possa ver novamente!” (Lc 18, 41).

Se aquele homem cego pedia apenas que lhe fosse restituída a visão, para poder ver o mundo e as coisas criadas, com quanto anseio tu deves pedir a luz da alma, com quanta insistência na oração e – permite-me dizê-lo – com santa impertinência reclamar para poderes ver e contemplar o próprio Criador? Realmente, encontram-se privadas de um bem muito grande aquelas pessoas que não conhecem o caminho da santa contemplação, porque graças a ele chega-se ao conhecimento de si mesmo e ao conhecimento de Deus, bem como a uma união muito estreita com o Criador de todas as coisas, com o Bem Supremo. Realmente, não existe um bem e um dom divino melhor entre aqueles que são proporcionados aos homens do que o dom e o bem da contemplação, porquanto é da contemplação de Deus que provém toda a felicidade dos santos. É por isso que aqueles que com a mente muito aplicada e muito atenta contemplam a Deus, a si mesmos e as obras divinas de alguma forma experimentam aquela felicidade, sentem o seu antegosto e se tornam seus partícipes. A santa contemplação é o olhar da alma: busca-a de todo o coração, reclama-a com todas as forças, pede-a em incessantes orações. E, quando a alcançares, cuida para não a perderes. Toma cuidado para que no acúmulo das tuas excessivas tarefas não a percas. Lembra-te, pois, de cuidar dela com a diligência com que as pessoas costumam cuidar dos seus olhos corporais.

Tema IX: A ORAÇÃO E A ASCESE

Palavra de Deus (Mt, 16, 21-27)

Desde então começou Jesus Cristo a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, que padecesse muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes, e dos escribas, que fosse morto, e que ao terceiro dia ressuscitasse. E Pedro, tomando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Tenha Deus compaixão de ti, Senhor; isso de modo nenhum te acontecerá. Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não estás pensando nas coisas que são de Deus, mas sim nas que são dos homens. Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me; pois, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á. Pois que aproveita ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? ou que dará o homem em troca da sua vida? Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então retribuirá a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo, alguns dos que

aqui estão de modo nenhum provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.

Documentos da Igreja (V 38)

38. A vocação à santidade só pode ser acolhida e cultivada *no silêncio da adoração* na presença da transcendência infinita de Deus: « Devemos confessar que todos precisamos deste silêncio repleto de presença adoradora: a teologia, para poder valorizar plenamente a própria alma sapiencial e espiritual; a oração, para que nunca esqueça que ver Deus significa descer do monte com um rosto tão radiante ao ponto de sermos obrigados a cobri-lo com um véu (cf. *Ex 34,33*) [...]; o compromisso, para renunciar a fechar-se numa luta sem amor e perdão. [...] Todos, crentes e não crentes, precisam de aprender um silêncio que permita ao Outro falar, quando e como quiser, e a nós compreender esta palavra »⁽⁸³⁾. Isto exige, concretamente, uma grande fidelidade à oração litúrgica e pessoal, aos tempos dedicados à oração mental e à contemplação, à adoração eucarística, às recollecções mensais e aos retiros espirituais.

É preciso redescobrir também *os meios ascéticos*, típicos da tradição espiritual da Igreja e do próprio Instituto. Eles foram, e continuam a sê-lo, um auxílio poderoso para um autêntico caminho de santidade. Ajudando a dominar e a corrigir as tendências da natureza humana ferida pelo pecado, a ascese é verdadeiramente indispensável para a pessoa consagrada permanecer fiel à própria vocação e seguir Jesus pelo caminho da Cruz.

Também se torna necessário identificar e vencer algumas tentações que às vezes se apresentam, por insídia diabólica, sob a falsa aparência de bem. Assim, por exemplo, a exigência legítima de conhecer a sociedade atual, para responder aos seus desafios, pode induzir a ceder a modas efêmeras, com a diminuição do fervor espiritual ou com atitudes de desânimo. A possibilidade de uma formação espiritual mais elevada poderá levar as pessoas consagradas a um certo sentimento de superioridade relativamente aos outros fiéis, enquanto a urgência de uma legítima e indispensável habilitação se pode transformar numa busca exacerbada de eficiência como se o serviço apostólico dependesse prevalentemente dos meios humanos, e não de Deus. O desejo louvável de solidarizar-se com os homens e mulheres do nosso tempo, crentes e não crentes, pobres e ricos, pode levar à adoção de um estilo de vida secularizado ou a uma promoção dos valores humanos em sentido puramente horizontal. A partilha das instâncias legítimas da própria nação ou cultura poderá induzir a abraçar formas de nacionalismo ou a acolher elementos da tradição, que, ao contrário, precisam de ser purificados e elevados à luz do Evangelho.

O caminho que conduz à santidade comporta, pois, *a adoção do combate espiritual*. É um dado exigente, ao qual hoje nem sempre se dedica a necessária atenção. Muitas vezes a tradição viu representado este combate espiritual na luta de Jacob a contas com o mistério de Deus, que ele afronta para ter acesso à sua bênção e à sua visão (cf. *Gn 32,23-31*). Neste episódio dos primórdios da história bíblica, as pessoas consagradas podem ler o símbolo do empenhamento ascético de que têm necessidade para dilatar o coração e abri-lo ao acolhimento do Senhor e dos irmãos.

Dos escritos do Padre Fundador (*Inspectio cordis*, fls. 29v-30v)

1. “Foi levado pelo Espírito para o deserto” (Mt 4, 1).

Percebe que certa vez o Espírito Divino inspirou Cristo Senhor, ou antes, moveu-O ou O inspirou a ir ao deserto. E ali, após um jejum muito severo de quarenta dias, foi tentado pelo infernal espírito mau. Com esse tipo de tentador, o Cristo que residia entre os homens nunca antes se havia defrontado. Disso deves aprender que no mundo há muitas pessoas que não sentem tentações, visto que o espírito mau já as considera como suas e por isso contra elas não expõe as suas forças, não dirige projéteis, não afia cunhas e não prepara armadilhas. No entanto, aos que vivem no convento, nessa santa e fortificada cidade de Deus, ele ataca com grande tenacidade. É por isso que os religiosos, apesar da prática de muitas mortificações, jejuns e abstinências, são atormentados e submetidos a violentas tentações, porque o infernal inimigo comum de todos vê neles os seus mais obstinados inimigos e por isso lança mão de todos os artifícios, utiliza todas as forças para dali ou desalojá-los, como de um acampamento fortemente fortificado pelo poder e pela proteção de Deus, ou para ali os enfraquecer, subjugar e aniquilar. Por isso, não te pareça que seja um novo gênero de tribulação, cruz e luta religiosa quando ouves que também o Deus-Homem foi tentado. Não percas também a esperança de obter ajuda d’Aquele que te conduziu além dos muros de Babilônia para um santo deserto. Não percas então também a confiança e não percas a esperança de que superarás o inimigo infernal todas as vezes que contra ti investir, armado de tantos e tão repugnantes pensamentos, defeitos e maus estímulos, visto que as suas forças são muito menores do que se pode imaginar. Esse cão pode ladrar, mas morder não pode. E tu, sempre que te fortaleces com o alimento da Santíssima Eucaristia, conquistas novas forças e novas armas. Evidentemente, a Eucaristia é a arma mais poderosa contra qualquer tentação.

2. “Se és Filho de Deus” (Mt 4, 6).

Observa a astúcia da serpente infernal: na realidade, com quanta esperteza ataca ela o Cristo-homem. Vê que Ele jejua, então Lhe apresenta a tentação da gula. Vendo que com essa tentação nada pode fazer, lança mão de uma audácia ainda maior dizendo: “Se és Filho de Deus, atira-te para baixo” (Mt 4, 6). E quando também esse artifício nada ajuda, apresenta-Lhe e Lhe promete todos os reinos e todas as glórias do mundo, procurado induzi-Lo à idolatria. Diz então: “Tudo isto de darei, se, prostrado, me adorares” (Mt 4, 9). É assim que costuma proceder o infernal Ulisses; é desse método de tentação que se utiliza diante dos servos de Deus. Aproveita qualquer ocasião disponível, por mínima que seja, para seduzi-los: nos famintos a gula, nos cansados a indolência, nos impacientes as explosões de raiva; a alguns fornece estímulos à lascívia, outros à insolência, ao orgulho e à arrogância. Quando sugere a gula, é preciso responder: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4, 4). Quando induz à arrogância, é preciso responder: “Não tentarás ao Senhor teu Deus” (Mt 4, 7). Quando são apresentadas outras tentações, aplicam-se outros meios preventivos com o objetivo de superá-las, e as investidas do tentador devem ser ridicularizadas e aniquiladas. Contra a perseverança no serviço de Deus, contra os exercícios espirituais e a prática das virtudes costuma investir no final, em parte pessoalmente, em parte através de pessoas infames, auxiliares da sua astúcia, apresentando ora os prazeres sensuais, ora a fama, as riquezas, as honras e a efêmera glória terrena. Com esses artifícios tenta afastar do serviço de Deus, afastar do arado os servos consagrados a Deus e removê-los dos santuários divinos para o mundo (o que é uma transgressão próxima da idolatria). Mas eis aqui uma espada muito afiada

fornecida pela palavra de Deus contra esse monstro infernal de cem mãos: “Porque está escrito: ao Senhor teu Deus adorarás e a Ele só prestarás culto” (Mt 4, 10).

3. “Com isto, o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e puseram-se a servi-lo” (Mt 4, 11).

Presta atenção para um efeito muito favorável da tentação. O espírito mau ataca, o Deus-Homem opõe resistência. Este triunfa e aquele é vencido e forçado a fugir. Então o Deus-Homem foi cercado e reconfortado pelos anjos. É assim que procede a Divina Providência com aqueles que são tentados: deixa que sejam atacados, abandona-os às próprias forças, permite que sejam atingidos e cobertos por diversas ondas de tentações, mas, para o imenso consolo e a indizível alegria deles, no final proporciona-lhes toda alegria e consolo: “Ao vencedor, conceder-lhe-ei comer da árvore da vida” (Ap 2, 7). Sem dúvida ocorre aí o mesmo que acontece com os comandantes terrenos, os quais, após uma batalha otimamente conduzida e a vitória alcançada, distribuem aos seus companheiros de armas maravilhosas recompensas, honrarias, títulos e diversos privilégios. Da mesma forma também o nosso Comandante Celestial, após as lutas contra a tentação correta, valorosa e eficientemente conduzidas, após a vitória conquistada, costuma cumular os Seus fiéis servos com graças extraordinárias: com consolos interiores, visões, revelações (como delas é indigno!), com os maiores carismas e dons celestiais.

Luta, luta heroicamente e persevera!

Tema X: O APOSTOLADO

Palavra de Deus (Mt 28, 16-20)

Partiram, pois, os onze discípulos para a Galiléia, para o monte onde Jesus lhes designara. Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.

Documentos da Igreja (RD 15)

15. Deste testemunho de amor esposal a Cristo, através do qual toda a verdade salvífica do Evangelho se torna particularmente visível entre os homens, nasce ainda, amados Irmãos e Irmãs, como algo próprio da vossa vocação, *a participação no apostolado da Igreja*, na sua missão universal, que se realiza simultaneamente no seio de todas as nações, de muitas maneiras diversas e mediante a multiplicidade dos dons concedidos por Deus. A vossa missão específica procede harmoniosamente de par *com a missão dos Apóstolos*, que o Senhor enviou «por todo o mundo» para «ensinar todas as gentes»; (95) e, mais ainda, está unida a esta *missão* que incumbe *à ordem hierárquica*. No apostolado que as pessoas consagradas desenvolvem, o seu amor esposal por Cristo torna-se, de modo quase orgânico, *amor pela Igreja* enquanto Corpo de Cristo, pela Igreja como Povo de Deus, pela Igreja que é também Esposa e Mãe.

Seria difícil descrever e até mesmo simplesmente enumerar as múltiplas maneiras diferentes pelas quais as pessoas consagradas põem em prática, *mediante o apostolado, o seu amor para com a Igreja*. Esse apostolado nasceu sempre daquele dom particular dos vossos Fundadores que, *recebido de Deus* e aprovado pela Igreja, se tornou um carisma para a inteira Comunidade. Tal dom divino corresponde às diversas necessidades da Igreja e do mundo, em cada época da história; e, seguidamente, prolonga-se e consolida-se na vida das comunidades religiosas como um dos elementos perduráveis da vida e do apostolado da mesma Igreja.

Em cada um destes elementos, em todas as suas expressões — quer na da *contemplação fecunda para o apostolado*, quer na da *actividade directamente apostólica* — acompanha-vos a bênção constante da Igreja; e, simultaneamente, a sua solicitude pastoral e materna, pelo que respeita à identidade da vossa vida espiritual e em ordem ao acerto da vossa atuação, no seio da grande Comunidade universal *das vocações e dos carismas* de todo o Povo de Deus. Tanto por cada um dos Institutos, tomados separadamente como pela sua integração orgânica, é no contexto de toda a missão da Igreja que é sempre posta particularmente em realce aquela economia da Redenção, de cuja *marca profunda cada um e cada uma de vós*, amados Irmãos e Irmãs, é *portador em si mesmo*, em virtude da própria consagração e da profissão dos conselhos evangélicos.

E por conseguinte, embora sejam sumamente importantes as múltiplas obras de apostolado a que vos dedicais, todavia a obra de apostolado *fundamental* continua sempre a ser *aquilo que vós sois* (e ao mesmo tempo quem vós sois) na Igreja. Podem repetir-se de cada um e de cada uma de vós, com especial razão, as palavras do Apóstolo: «Vós estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus». (96) E contudo, o fato de «estardes escondidos com Cristo em Deus» permite que se vos apliquem as palavras do próprio Mestre: «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, a fim de que vendo as vossas boas obras, glorifiquem a vosso Pai que está nos céus». (97)

Para haver esta luz, pela qual vós deveis resplandecer «diante dos homens», é importante entre vós o testemunho da caridade mútua, a que anda ligado o espírito fraterno de todos na Comunidade, uma vez que o Senhor disse: «Nisto precisamente todos reconhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros». (98)

A natureza fundamentalmente comunitária da vossa vida religiosa, alimentada pela doutrina do Evangelho, pela sagrada Liturgia e, sobretudo, pela Eucaristia, constitui um modo privilegiado para realizar esta dimensão interpessoal e social. Usando de delicadeza e tendo atenções mútuas e levando o peso uns dos outros, vós manifestais, pela vossa unidade, que Cristo vive no meio de vós. (99)

Para o vosso apostolado na Igreja é importante *que sejais muito sensíveis às necessidades e aos sofrimentos do homem*, que se apresentam tão claramente e de maneira tão impressionante no mundo de hoje. O Apóstolo, efetivamente, ensina: «Levai os fardos uns dos outros e desse modo cumprireis a lei de Cristo»; (100) e diz ainda que «o cumprimento perfeito da lei é a caridade». (101)

A vossa missão deve ser visível! O *vínculo que a une à Igreja* deve ser profundo, *muito profundo*. (102) Através de tudo o que fazeis e, principalmente, através daquilo que vós sois, que seja proclamada e confirmada constantemente a verdade de que «Cristo amou a Igreja e se entregou a si mesmo por ela», (103) verdade que está na base de toda a economia da Redenção. E que de Cristo, Redentor do mundo, brote também a fonte inexaurível do vosso amor pela Igreja.

Dos escritos do Padre Fundador (*Inspectio cordis*, fls. 38v-54v)

1. “Ele vo-la dará” (Jo 16 23).

Observa que não apenas aos Apóstolos foi dada a promessa de que eles alcançarão tudo o que pedirem ao Pai Celestial em nome de Seu Filho. Na realidade, essa promessa foi também feita a todos os fiéis, e especialmente aos religiosos, aos quais, por lei hereditária, foram transmitidos os conselhos evangélicos dados aos Apóstolos. Com efeito, o Pai Bondosíssimo levou em conta também a ti quando fez essa promessa e assegurou que nada te será negado se pedires de forma adequada algo justo, pois tanto aprecia Deus as orações das pessoas que, mesmo pronunciadas pela boca de descrentes, atingem a Sua Divina Majestade e nunca são infrutíferas. Podemos ficar sabendo disso através da história daquele bondoso centurião nos Atos dos Apóstolos (cf. At 10). Por isso, lança mão firmemente dessa tão santa e proveitosa prática da oração. Fica sabendo também que, se alguma vez a negligenciares, darás um passo em direção à condenação infernal, porquanto aquele que se afasta da oração aproxima-se do inferno: tantos passos dá em direção ao inferno quantas vezes negligencia a oração. E ao contrário: com quanto mais zelo e freqüência nos dedicamos à oração, com tanto mais freqüência convivemos com Deus. Nada alimenta mais os defeitos e provoca as imperfeições do que a negligência da oração, e isso a tal ponto que, se examinasses a ti mesmo, perceberias que cometeste muitas transgressões sempre pela razão de que por preguiça negligenciaste algo das orações costumeiras. E ao contrário, o que melhor, mais rapidamente e com mais beleza pode cultivar, purificar e plantar as novas plantas das virtudes no jardim da alma do que a prática e o exercício da oração? Após a consideração e a madura reflexão a respeito dessas coisas, procura rezar e suplicar ao Senhor para que, da mesma forma como já te concedeu a graça durante o Santo Banquete, assim também, em razão da Sua glória e o proveito teu e do teu próximo, jamais de ti a retire. Juntamente com Davi, pressiona-O desta forma: “Minha alma se desfaz de tristeza, põe-me de pé, conforme a tua palavra” (Sl 118, 28) e fortalece-me na prática da oração, que Te é muito agradável e para mim muito proveitosa.

2. “Se alguém guardar a minha palavra” (Jo 8, 51).

Considera o fato de que a doutrina evangélica de Cristo Senhor não apenas protege e preserva as pessoas da morte eterna, mas também da morte temporal. Com efeito, quando o alcoolismo, a gula, a devassidão e outros defeitos estragam a saúde dos mortais encurtando-lhes os dias de uma vida mais longa, enfraquecem também e privam de forças o corpo e são a causa de inúmeras doenças. Assim, se alguém se afasta dessas coisas, proibidas pelos mandamentos divinos e pelas admoestações dos conselhos evangélicos, e as evita mais que o cão e a serpente, não estará sujeito a nenhuma das mencionadas doenças e fraquezas. No entanto, muito mais e com maior zelo deve ser preservada a doutrina divina pela razão de que ela dá à alma a vida eterna e imortal. Para que possas alcançá-la mais facilmente, pede ao Senhor que te livre de qualquer ação contrária à Sua lei e aos Seus ensinamentos. Tu, Senhor, dizes que és o Samaritano, isto é, o guarda: não consertaste esse

nome lançado como uma injúria contra os infames e não o negaste, reconhecendo-Te com isso como o guarda de todo o gênero humano: Por isso, “guarda-me como a pupila dos olhos” (Sl 16, 8) de todo mal e da queda. “Esconde-me à sombra de tuas asas” (ibidem), protegendo-me contra as chamas e os ataques dos capangas infernais. Faze com que, retribuindo-Te, eu respeite os Teus mandamentos e, observando-os, alcance e receba a vida eterna. Amém.

Tema XI: A VIDA RELIGIOSA A SERVIÇO DA IGREJA

Palavra de Deus (Gl 2, 1-10)

Catorze anos depois, fui outra vez a Jerusalém com Barnabé, até levei Tito comigo. Fui, aliás, por causa de uma revelação; e o Evangelho que estou pregando aos pagãos, eu o expus, numa reunião particular, às autoridades da Igreja, receoso de estar correndo ou ter corrido inutilmente.

Ora, nem mesmo Tito, meu companheiro, que é grego, foi obrigado a se circuncidar. Ele o seria por causa dos falsos irmãos, intrusos que se tinham infiltrado para espionar a liberdade que possuímos em Cristo Jesus, com a intenção de reduzir-nos à escravidão... A eles, nem por um instante cedemos, para que a verdade do Evangelho continuasse firme entre vós. Quando às autoridades reconhecidas – o que então eram não me importa; Deus não liga para a posição social das pessoas –, essas autoridades, de fato, a mim nada impuseram. Bem ao contrário, elas viram que a mim tinha sido confiada a evangelização dos incircuncisos, assim como a Pedro a evangelização dos circuncisos. Pois o mesmo que tinha orientado ativamente Pedro, confiando-lhe o apostolado no meio dos judeus, tinha orientado também a mim confiando-me o apostolado no meio dos pagãos. Reconhecendo, portando, a graça que me fora concedida, Tiago, Cefas e João, considerados como as colunas, deram o aperto de mão a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão: para nós, os pagãos; para ele os judeus. Devíamos somente lembrar-nos dos pobres, coisa aliás que me esforcei por fazer.

Documentos da Igreja (VC 46)

46. À vida consagrada está confiada outra grande tarefa, à luz da doutrina sobre a Igreja-comunhão proposta com grande vigor pelo Concílio Vaticano II: pede-se às pessoas consagradas para serem verdadeiramente peritas em comunhão e praticarem a sua espiritualidade ⁽⁹⁴⁾, como « testemunhas e artífices daquele “projeto de comunhão” que está no vértice da história do homem segundo Deus » ⁽⁹⁵⁾. O sentido da comunhão eclesial, desabrochando em *espiritualidade de comunhão*, promove um modo de pensar, falar e agir que faz crescer em profundidade e extensão a Igreja. Na realidade, a vida de comunhão « torna-se um *sinal* para o mundo e uma *força* de atração que leva à fé em Cristo. (...) Dessa maneira, a comunhão abre-se para a *missão* e converte-se ela própria em missão », melhor, « a *comunhão gera comunhão* e reveste essencialmente a forma de *comunhão missionária* » ⁽⁹⁶⁾.

Nos fundadores e fundadoras, *aparece sempre vivo o sentido da Igreja*, que se manifesta na sua participação plena da vida eclesial em todas as suas dimensões e na pronta obediência aos Pastores, especialmente ao Romano Pontífice. Neste horizonte de amor pela Santa

Igreja, « coluna e sustentáculo da verdade » (*1 Tm* 3,15), compreende-se bem a veneração de Francisco de Assis pelo « senhor Papa » ⁽⁹⁷⁾ a ousadia filial de Catarina de Sena para com aquele que ela chama « doce Cristo na terra » ⁽⁹⁸⁾, a obediência apostólica e o *sentire cum Ecclesia* ⁽⁹⁹⁾ de Inácio de Loyola, a jubilosa profissão de fé de Teresa de Jesus: « Sou filha da Igreja » ⁽¹⁰⁰⁾. Compreende-se também o anseio de Teresa de Lisieux: « No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor » ⁽¹⁰¹⁾. Tais testemunhos são representativos da plena comunhão eclesial, que santos e santas, fundadores e fundadoras compartilharam entre si, em épocas e circunstâncias diversas e freqüentemente muito difíceis. São exemplos a que as pessoas consagradas devem constantemente fazer referência, para resistirem aos impulsos centrífugos e desagregadores, hoje particularmente ativos.

Um aspecto qualificativo desta comunhão eclesial é a adesão da mente e do coração ao magistério dos Bispos, que há de ser vivida com lealdade e testemunhada claramente diante do Povo de Deus por todas as pessoas consagradas, e de modo especial pelas que estão empenhadas na investigação teológica e no ensino, nas publicações, na catequese, no uso dos meios de comunicação social ⁽¹⁰²⁾. Visto que as pessoas consagradas ocupam um lugar especial na Igreja, o seu comportamento a tal respeito tem grande importância para todo o Povo de Deus. Do seu testemunho de amor filial recebe força e incidência a sua ação apostólica, que, no quadro da missão profética de todos os batizados, se caracteriza geralmente por tarefas de especial colaboração com a ordem hierárquica ⁽¹⁰³⁾. Desta forma, com a riqueza dos seus carismas, dão uma contribuição específica, para a Igreja realizar cada vez mais profundamente a sua natureza de sacramento da « íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano » ⁽¹⁰⁴⁾.

Dos escritos do Padre Fundador (*Inspectio cordis*, fls. 165r-166r)

MEDITAÇÃO IX SOBRE O AMOR

1. Deves agora refletir sobre a virtude graças à qual surgiu toda a criação: começou a existir a terra e o céu, foi criado o homem, Deus se tornou homem e, embora não sujeito à dor, sofreu num corpo sujeito ao sofrimento, foi cruelmente morto e, embora imortal, por ti sofreu a morte, não como Deus, mas como homem. Graças a esse amor, desceu do céu sobre os Apóstolos e os outros discípulos a Luz Celestial, o Mestre da Verdade e o Espírito de toda ciência, para que graças a ela, dentre tantos povos de tão diversa origem, como o corpo dos seus diversos membros, fosse unificado o único Corpo da Igreja de Deus e para que tantas santas comunidades, congregações e ordens, ligadas por um único Espírito e pelo amor de um só Deus, vivessem na máxima unidade. Deves refletir sobre essa virtude, que reprime os distúrbios, afasta as guerras, faz brotar a paz, ama as leis, ama o próximo, envolve o inimigo, a todos deseja o bem e a todos proporciona o bem. Reflete, então, a respeito de como vais praticar essa virtude, com quanto zelo, constância, perseverança e coragem. Exige também de ti as suas ações, reclama-as de tuas mãos. Eis essas ações:

- amar a Deus acima de tudo, fugir do pecado e de qualquer imperfeição acima de qualquer outro mal; na medida do possível, ajudar ao próximo e agir pelo bem comum; responder às exigências da vocação; estar continuamente empenhado no sentido de viver com mais perfeição; cuidar para não ferir a ninguém por pensamento, palavra, ação, suspeita ou mau exemplo, para não afastar do bom caminho, não corromper moralmente, não levar à condenação;

- possuir o espírito do amor aos bons e justos, rezar pelos que caem e pelos maus, visitar os doentes, instruir os ignorantes, admoestar os perversos, prestar ajuda e conselho aos necessitados e privados de todo apoio humano, libertar os prisioneiros, visitar os presos, consolar os aflitos, reprimir os excessiva e inconvenientemente alegres; fazer aos outros o que desejamos para nós mesmos e não lhes fazer o que nós mesmos detestamos e o que evitamos, bem como não lhes desejar nem lhes impor nada dessas coisas.

Quão numerosas são as ações do sublime amor! Quão raramente por elas te empenhaste e as praticaste!

2. Reflete a respeito de quais são as falhas contrárias ao amor de Deus. Tens essas falhas quando és tíbio em progredir no caminho da perfeição, no qual ingressaste por amor a Deus, quando não propagas a glória divina, humilhas a Ordem, quando te contentas com um grau inferior de perfeição, renunciando ao mais elevado em razão de negligência ou pusilanimidade, quando apresentas ao Bondosíssimo e Supremo Deus algum tipo de obstáculos para ter livre acesso ao teu coração, para nele permanecer e o governar, quando novamente suspiras pelo mundo, quando o elogias ou mesmo em pensamento com ele te encantas, quando não queres evitar, afastar ou remover de ti nenhum pecado mais ou menos grave, ou mesmo as pequenas imperfeições e as ocasiões para elas. Tudo isso em mui elevado grau contraria o amor a Deus e ofende profundamente a infinita Bondade. No que diz respeito ao amor ao próximo, debes refletir se não foste dominado por defeitos como a ira, a murmuração, a má vontade, a inveja, o ódio, a suspeita, a falta de respeito, de afabilidade ou de caridade, a desconfiança, a perversidade, a calúnia e até a difamação dos falecidos? Se talvez esses defeitos não reinaram em ti enquanto acusavas injustamente os outros ou tal estado toleravas, quando vergonhosamente expunhas alguém ao ridículo, impacientemente te irritavas, não desejavas aos outros o bem, não te alegravas com o sucesso alheio, não ajudavas na necessidade, não proporcionavas alívio na miséria, menosprezavas ou negligenciavas a demonstração do devido respeito, não suportavas as fraquezas dos outros ou por eles não rezavas? Talvez invejaste aos outros os bens conquistados em razão da obra do destino ou dos talentos que lhes foram dados por Deus, destruindo-os ou menosprezando-os? Talvez menosprezaste ou denegraste não apenas a boa fama de outras pessoas, mas também as suas obras? Talvez não cumpriste a palavra, não trabalhaste na comunidade? Talvez num grande perigo que ameaçava a salvação de alguém não aplicaste em alguma medida até meios excepcionais a fim de livrar o próximo desse perigo?

3. Leva em conta o fato de que entristecer injustamente os outros, e ainda por razões fúteis, é contrário ao amor, como por exemplo por algum motivo pouco importante causar dissabor aos superiores, aos iguais ou inferiores a nós, provocar a confusão em toda a Ordem, província ou casa em que resides, ou ainda criar problemas por tua causa. Talvez estejas ferindo os olhos e as almas dos outros com a tua vida não muito religiosa e exemplar ou pelos teus costumes e dessa forma prejudicas – para não dizer destróis – os laços dessa mais nobre, mais preciosa e mais divina virtude? Por conseguinte, não chegaste a tornar-te a causa de alguma confusão? Não chegaste a perturbar a paz e a tranquilidade no interior da casa religiosa ou externamente, entre os leigos ou entre pessoas pertencentes a outro estado? Em tua atividade, não negligenciaste talvez a partilha de tudo aquilo que em ti existe de bom e o que com esse objetivo conquistaste em razão da graça divina e da iniciativa própria? Apesar das forças e das aptidões possuídas, não evitaste os prejuízos gerais que te ameaçam? Talvez segundo a quantidade e a qualidade dos dons que te foram dados por Deus e que recebeste da natureza não te tornaste o adorno da casa em que

permaneces, e sobretudo da Igreja do Senhor, não contribuindo para a sua propagação e não lhe prestado ajuda, quando com justiça podias e devias fazê-lo? E quando outros o faziam, tu lhes ajudaste ou, ao contrário, foste para ele um obstáculo? Refletindo a respeito das acima citadas e muitas outras imperfeições contrárias ao amor, de que o Espírito Divino acusa a tua alma, demonstra o mais perfeito arrependimento pelas imperfeições percebidas e faze o propósito de prestar reparação por elas, procurando retornar às ações do santo amor. Num diálogo com Deus, realizado com o máximo amor, e seguindo a voz da razão, delicia-te com Deus e sob a influência desse amor dá folga aos freios do teu coração despertando o duplo ato do amor a Deus e ao próximo.

Tema XII: COM MARIA NA IMITAÇÃO DE CRISTO

Palavra de Deus (Mc 3, 31-35)

Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando da parte de fora, mandaram chamá-lo. E a multidão estava sentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te procuram. Respondeu-lhes Jesus, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos! E olhando para os que estavam sentados à sua volta disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos! Pois aquele que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.

Documentos da Igreja (Carta apostólica de João Paulo II *Ad omnes personas consecratas*)

Se do ponto de vista humano a consagração de uma pessoa pode ser comparada a “perda de vida” – esse é ao mesmo tempo o caminho mais simples para o seu “reencontro”. Porquanto Cristo diz: “Quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la” (Mt 10, 39). Essas palavras com certeza constituem uma expressão do radicalismo do Evangelho. Ao mesmo tempo é difícil deixar de perceber quanto elas falam a respeito do homem, como é especial a sua dimensão antropológica. O que é mais fundamental para o ser humano – homem ou mulher – do que justamente esse reencontro de si mesmo: o reencontro de si mesmo em Cristo, porquanto Cristo é “toda a plenitude” (cf. Cl 2, 9)? Esses pensamentos, relacionados com o tema da consagração da pessoa através da profissão dos conselhos evangélicos, continuamente nos conduzem ao âmbito do Mistério pascal. Juntamente com Maria, procuremos ser participantes dessa morte que produziu como fruto a “novidade da vida” na ressurreição. Foi a infame morte na Cruz – a morte de Seu próprio Filho! Mas será que justamente ali, aos pés da Cruz, “junto à qual Ela não se apresentou sem um propósito divino”, Maria não descobriu de uma nova forma tudo aquilo que já havia ouvido no dia da anunciação? Será que ali, justamente através da “espada de dor que traspassou Sua alma” (cf. Lc 2, 35), através de uma “cenose de fé” com nada comparável, Maria não viu plenamente a plena verdade a respeito da Sua Maternidade? Será que justamente ali Ela não se identificou definitivamente com essa verdade, “reencontrando a vida” que na experiência do Gólgota da forma mais dolorosa Ela teve de “perder por Cristo e pelo Evangelho”? Caros Irmãos e Irmãs! Retornemos continuamente com a nossa vocação, com a nossa consagração, à profundidade do Mistério pascal. Apresentemo-nos junto à Cruz de Cristo ao lado de Sua Mãe. É com Ela que aprendemos a nossa vocação. Porquanto não foi o próprio Cristo quem disse: “Quem cumpre a vontade de meu Pai, que está no céu, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”?

Dos escritos do Padre Fundador (trecho de *Orador crucificado*)

PALAVRA III DO ORADOR CRUCIFICADO

“Disse à Sua Mãe: ‘Mulher, eis o teu filho!’. Depois disse ao discípulo: ‘Eis a tua mãe!’.” (Jo 19 [26-27]).

A Bondosíssima Maria Virgem é a Mãe dos pecadores. Pelo Salvador, na pessoa de João, eles Lhe foram confiados como filhos.

Felicito por essa felicidade o puríssimo João, porque o Senhor, antes da Sua morte, a ele – virgem – entregou para proteção a Mãe Virgem. Ao mesmo tempo também muito me alegro porque a essa Bondosíssima Mãe de Deus foram entregues como filhos, na pessoa de João, todos os pecadores. Cornélio, um sábio comentarista da sagrada Escritura, dirige-se à Mãe Santíssima, como que em nome de Jesus, com estas palavras: “Ó Mãe! Sê a partir de agora uma mulher valorosa e generosa. Sê Tu, no Meu lugar, o fundamento, o rochedo e a coluna da Minha Igreja, a fim de apóia-la com o Teu poder, afastar e dissipar, com a Tua perseverança, o Teu conselho e a Tua oração, as tempestades dos intentos que contra ela surgirem, não apenas agora, mas também no futuro, por todos os séculos, até o fim do mundo”.

Não percais o ânimo, pecadores! Jesus Crucificado entrega a Sua Igreja a Sua Mãe Bondosíssima. E tenho em mente aquela Igreja na qual – como afirma Gregório Magno – “estão misturados os maus com os bons, os rejeitados com os escolhidos”. Deve-se, portanto, aceitar que dessa forma nosso Senhor confiou à Virgem, na pessoa de João, também a vós, maus juntamente com bons: Ele vo-La ofereceu como Mãe bondosa. “Disse à Sua Mãe: Mulher, eis (apontando para cada um de nós, bom ou mau) o Teu filho! Depois disse ao discípulo (sem dúvida a todo homem, tanto justo como pecador): Eis a tua Mãe!” [...]

Uma coisa digna de lembrança, e não alheia à minha afirmação, foi registrada pelo Apóstolo-Profeta no capítulo 12 do seu Apocalipse. Relata ali que lhe apareceu uma Mulher vestida com o sol, tendo a luz sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas, estando grávida. Mas havia ali também um Dragão vigilante, que devia devorar o amado filho que seria dado à luz, tão logo nascesse. No entanto a Mulher Celestial deu à luz um Filho, um Varão. Este, para ser afastado das mandíbulas do Dragão, “foi arrebatado para junto de Deus e de Seu trono, e a Mulher fugiu para o deserto” [Ap 12, 5-6].

Nesse momento surge da corte celestial o Comandante do exército divino, Miguel, e – lançando-se com a sua legião contra o Dragão – subjuga-o, expulsa e lança na terra.

Com o máximo dissabor aceitou a Antiga Serpente a derrota que lhe foi infligida pelos reforços dessa Habitante do Céu. Por isso, tendo-se fortalecido novamente, ele A persegue. Mas Ela em tempo recebe do céu duas asas e novamente foge para o deserto. “Ao ver que fora expulso para a terra” – escreve o Profeta inspirado – “pôs-se a perseguir a Mulher que dera à luz o filho varão. Ela, porém, recebeu as duas asas da grande águia para voar ao deserto” [ibidem, 13-14]

O mui piedoso escritor Bernardino de Busto manda nos ver nessa Mulher coroada de um diadema de estrelas, cingida pelo esplendor do sol, tendo os Seus santos pés apoiados na lua como se fora um escabelo, e possuidora de enormes asas, ninguém outro que a Virgem Mãe de Deus, especial Protetora e Intercessora dos justos, porém muito mais dos pecadores. Porquanto é assim que ele esclarece essa visão do Apóstolo João: “Sob as Suas asas, a Santíssima Virgem nos protege e nos defende das armadilhas. É Ela aquela

Mulher a quem foram dadas grandes asas. Uma é a asa da misericórdia, sob a qual se refugiam os pecadores, buscando a reconciliação com Deus; a outra é a asa da graça, sob a qual permanecem os justos a fim de perseverarem na graça.” [...]

Ó poderosíssima e bondosíssima Cidade de refúgio! Sob a sua proteção o pecador não precisa temer nada, nada! Ó Mãe mais misericordiosa do que se possa dizer ou pensar! Porquanto no Teu seio se refugiaram os pecadores filhos de Adão, e eles estão livres de todo receio e do perigo da morte eterna. Eles recebem a garantia da felicidade eterna.

Realmente, o nosso Deus, cuja bondade e benevolência não tem limites, para um dia não ser obrigado, segundo o rigor da Sua severa justiça, a nos castigar ou exterminar em razão das nossas infames quedas, em Sua solicitude deu-nos a Virgem Maria como nossa Intercessora junto a Ele, da mesma forma que para os judeus preparou outrora Ester. [...] Ester, essa libertadora dos judeus, é o modelo da Virgem, bondosíssima Rainha do céu e da terra, Intercessora dos pecadores. [...]

Aproxima-te daqui, desesperado pecador! Tu, que sob o peso dos teus pecados foste empurrado para o próprio fundo do inferno e achas que a tua salvação é uma causa perdida. Aproxima-te daqui! Vem correndo aos pés de Maria! “Eis aqui tua Mãe”. Por que hesitas? Do que tens medo? Por que te deixas dominar pelo espanto? [...] Deus, Pai das misericórdias, deseja que depois d’Ele depositemos toda a nossa esperança de vida eterna nessa nossa Mãe. Porque um dia já falou a esse mesmo respeito a Catarina de Sena, pessoa de admirável santidade, maravilhosa estrela da Família dominicana: “A Maria, gloriosa Mãe de Meu Filho Unigênito, em Minha bondade e em razão de respeito ao Verbo Encarnado, foi dado que nenhum justo ou pecador que com piedoso respeito a Ela recorre, de forma alguma será dilacerado ou consumido pelo demônio infernal. Porque Ela foi por Mim escolhida, preparada e oferecida como a mais saborosa isca para a pesca dos homens, especialmente dos pecadores”.

Concluo com as palavras de Fulberto de Chartres: “Por isso dirijam-se os pecadores [...] a Ela, batendo com pranto interior no seu peito pecador; também eles, caso sinceramente façam penitência, alcançarão o desejado perdão”.